

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E SUAS INTERPRETAÇÕES

Paula Marques Ribeiro

Brasília, 2017

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Monografia de Graduação

MANIFESTAÇÕES DE 2013 E SUAS INTERPRETAÇÕES

Aluna: Paula Marques Ribeiro

Orientadora: Carla Costa Teixeira

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos à obtenção de grau de bacharel em Antropologia Social.

Banca examinadora:

Professora Carla Teixeira Costa

Professor Wilson Trajano Filho

Brasília, 2017

1 Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus familiares, minha mãe Mary Aparecida Marques, por me apoiar e ouvir as minhas dúvidas e ansiedades, pelo mesmo motivo agradeço à minha prima Maria Eliane. Sou grata pelos esclarecimentos e ensinamentos de minha Orientadora Carla Costa Teixeira, pelos professores do Departamento de Antropologia que sempre me acrescentaram conhecimentos e pelo professor Wilson Trajano por aceitar fazer parte da minha banca examinadora.

Em especial agradeço a própria Antropologia por me fazer aprender tanto e ter uma visão menos turva e preconceituosa da sociedade. Ainda agradeço ao meu namorado Peterson Merino por estar ao meu lado, ser paciente e compreensivo e aos amigos por dividirem comigo suas experiências de Graduação.

2 Resumo

A seguinte pesquisa pretende compreender quais as significações envolvidas nas Manifestações de 2013 e as atribuições que foram desenvolvidas para categorizar o movimento, em especial a categoria de “espontaneidade”. Os elementos e símbolos utilizados em tais mobilizações também serão abordados a fim de compreender o que eles pretendiam evocar. Darei enfoque nas ideologias e princípios do Movimento Passe Livre devido a sua primordial colaboração em tais mobilizações. Por fim, analisarei o papel da internet em todo esse processo por ser a principal ferramenta de convocação e divulgação das manifestações de 2013.

Palavras: espontaneismo, símbolos, Movimento Passe Livre, internet.

Lista de Siglas:

PT – Partido dos Trabalhadores

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

MPL – Movimento Passe Livre

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PCO - Partido da Causa Operária

PSTU – Partido da Luta e do Socialismo

PM – Polícia Militar

PEC – 37 – Proposta de Emenda Constitucional 37/2011

UNE – União Nacional dos Estudantes

UniFdE – Universidade Fora do Eixo

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

FGV – Fundação Getúlio Vargas

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SP – São Paulo

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

ONG – Organização Não Governamental

Sumário

1	Agradecimentos.....	3
2	Resumo.....	4
3	Introdução.....	7
4	Capítulo 1: Atores envolvidos nas manifestações de 2013	10
5	Capítulo 2: Internet, uma ferramenta política?.....	35
6	Capítulo 3: Movimento Passe Livre, Espontaneidade e Símbolos	54
6.1	História do Movimento Passe Livre	54
6.2	Espontaneidade	57
6.3	Novos Movimentos Sociais	60
6.4	Símbolos utilizados nas manifestações	62
7	Conclusão	70
8	REFERÊNCIAS	72

3 Introdução

As manifestações ocorridas no Brasil em 2013 foram consideradas um fenômeno político novo e tiveram enorme repercussão tanto na mídia quanto em discussões de autores tentando compreender tais movimentos. Tentar compreender como tal processo se expandiu de forma rápida e explosiva é importante para a discussão sobre como os movimentos sociais contemporâneos se articulam.

A seguinte pesquisa abordará o universo das manifestações que ocorreram em 2013 no Brasil, apontando algumas mudanças que já se processavam na sua composição e reivindicações. Busco compreender as questões que deram base às ideias e ações desenvolvidas em tal contexto e de que modo a população brasileira, via diferentes mídias, construiu discursos e representações.

Um pressuposto da antropologia da política merece destaque para que o leitor compreenda a perspectiva de análise adotada. Refiro-me a abordagem, a qual afirma que para pesquisar relações ou eventos políticos é necessária a compreensão de que há uma “rede de pessoas” envolvidas em tais fenômenos, como bem ponderou Kuschnir (2005).

Assim, o objetivo da presente pesquisa é analisar como os atores políticos das manifestações de 2013 se relacionaram, compreenderam e experimentaram a política nesse novo cenário. Além disso, pretendo compreender como eles atribuíram significados às categorias políticas que atravessam a vida social. Dessa forma, será feita uma desconstrução das categorias mais presentes nos discursos dos atores envolvidos nas mobilizações, em especial, a categoria de espontaneidade.

No capítulo 1 abordarei as diversas perspectivas dos atores envolvidos nas manifestações de 2013, partindo da análise da mídia televisiva e jornalística, dos especialistas responsáveis por interpretar os movimentos, dos atores políticos e dos próprios manifestantes que participaram das manifestações.

A internet foi uma ferramenta essencial para a divulgação, convocação e forma de participação política durante as mobilizações, por isso será um dos objetos de análise desta pesquisa desenvolvida especificamente no capítulo 2. Assim, grande parte da pesquisa em que essa dissertação se baseia foi realizada na internet, mas também foi feita a observação de uma assembleia do MPL e realizada uma entrevista com uma integrante do movimento. O projeto

inicial era fazer mais entrevistas e observações, mas não foi viável ao longo da produção da monografia: tanto por dificuldades de articulação com os militantes do MPL – Movimento Passe Livre, como pela trajetória de construção do problema de pesquisa.

As postagens no site do *facebook* nas páginas do Correio Brasiliense, Estadão e Folha de São Paulo e pesquisas em sites de mídias independentes serão importantes para compreender de que forma as ideias circularam e se amplificaram na internet. Será refletido o que a internet acrescenta de novo na forma de adquirir e compartilhar informações e como ela modifica as formas de realizar leituras. Pretendo também analisar como “ciberativismo” e “midialivismo” ocorreram nas manifestações de 2013, ou seja, como os manifestantes utilizaram a internet para convocar, mobilizar e falar sobre política.

As manifestações de 2013 se iniciaram devido ao aumento da passagem do transporte público e foram inicialmente convocadas pelo Movimento Passe Livre, desse modo no capítulo 3 pretendo entender como o movimento se articula e no que se baseia. Por fim, os símbolos utilizados durante as manifestações de 2013 também serão analisados e interpretados, a fim de compreender como os manifestantes tentaram se representar e expressar seu lugar na sociedade. Pois, aderindo à perspectiva interpretativista de Geertz (1989), a antropologia consiste em interpretar signos e símbolos culturais que fazem sentido em um contexto social. Essa temática também será tratada no capítulo 3.

Nas conclusões serão destacadas as principais análises desenvolvidas ao longo desse trabalho.

4 Capítulo 1: Atores envolvidos nas manifestações de 2013

Neste capítulo pretendo descrever como as manifestações de 2013 foram retratadas pelos diferentes atores envolvidos nos protestos, são eles: autoridades políticas, manifestantes, especialistas que trataram de analisar os protestos e as mídias mais influentes do país, dentre elas: Folha de São Paulo, Estadão, Globo – G1 e Correio Braziliense.

De acordo com a matéria do Estadão, no dia 22 de maio de 2013 já havia movimentação do Movimento Passe Livre devido ao anúncio do governador Geraldo Alckmin sobre o aumento da passagem de ônibus:

“Depois de manter as tarifas do transporte público congeladas em R\$ 3 desde o começo do ano, o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) anunciam que haverá reajuste no dia 1º de junho. O novo valor das passagens não é anunciado. O aumento havia sido adiado após um pedido direto da presidente Dilma Rousseff, que tentava frear o crescimento da inflação. O Movimento Passe Livre, que existia desde 2006, marca para o dia 6 de junho a primeira manifestação contra a tarifa, mas sem nenhum destaque na mídia.” (Em: <<http://infograficos.estadao.com.br/cidades/protestos-de-junho/>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Mas foi só com a confirmação do aumento da passagem de ônibus que o Movimento Passe Livre marcou a primeira manifestação para o dia 6 de junho de 2013 que deu início a várias outras mobilizações no país. Essa se iniciou em São Paulo onde ocorrera o aumento de 20 centavos da tarifa de transporte de ônibus, metrô e trem, que custava 3,00 e passou a custar 3,20.

Segundo matéria do site Estadão do dia 6 de junho, cerca de duas mil pessoas se reuniram no centro da cidade de São Paulo na hora do *rush* rumo à Avenida Paulista e fecharam as ruas 23 de março, 9 de julho e São Luís: “O bloqueio foi feito com pedras, objetos feitos com papelão, sacos de lixos e materiais plásticos em chamas”. Ainda, alguns manifestantes teriam quebrado bares e lixeiras, espalhado lixo pela cidade, arrancado cabos de luz e “hostilizado” motoristas. A tropa de choque teria reagido com bombas de gás lacrimogênio e mais de dez bombas de efeito moral e tiros de borracha foram atirados, os manifestantes revidaram à polícia com pedras. (Em: <[10](http://sao-</p></div><div data-bbox=)

paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacao-contr-aumento-da-tarifa-de-onibus-fecha-vias-em-sao-paulo,1039657>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).



Tal abordagem da manifestação foi acompanhada da foto acima, retirada da matéria que recebeu o título “Manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus fecha vias em São Paulo”. A foto é exposta para reforçar a narrativa da violência por meio de imagens e precipitar o leitor na experiência vívida do bloqueio das ruas de São Paulo feito pelos manifestantes através da queima de alguns materiais.

Há outras duas fotos que também fazem parte da matéria do dia 6 de junho do Estadão e mostram os manifestantes levantando cartazes, tocando tambores e gesticulando durante a mobilização. Seguem abaixo as fotos:



A foto acima mostra os manifestantes concentrados em uma das avenidas de São Paulo, alguns deles estão com bandeiras do PCdoB – Partido Comunista do Brasil – e outros estão gesticulando e tocando tambores, alguns com o rosto coberto.



A foto acima mostra os manifestantes reunidos em São Paulo no dia 6 de junho e os cartazes utilizados por eles no protesto, vinculando o aumento da passagem a acusações de roubo - acusações que iriam se intensificar no cenário político nacional no Brasil nos próximos anos.

A polícia militar mencionou que cerca de 700 pessoas partiram às 17h45 da Praça Ramos de Azevedo em direção à Avenida Nove de Julho em São Paulo. De acordo com mesma fonte – matéria do Estadão, dia 6 de junho - os manifestantes tinham ligado para a polícia avisando que haviam colocado fogo na catraca de ônibus no cruzamento da via com a Avenida Vinte e Três de Maio a fim de chamar a atenção da polícia. De acordo com o site do Estadão o confronto foi violento, cerca de 50 pessoas ficaram feridas e policiais militares detiveram 15 pessoas.

Também verifiquei no site G1 do dia 6 de junho que a violência dos manifestantes foi o principal fator mencionado, tal matéria recebeu o título: “Manifestantes depredam estação de Metrô, banca e Shopping na Paulista” e contém comentários sobre o vandalismo, destruição e sujeira deixada pelos manifestantes nas ruas. Ainda segundo essa reportagem, por volta das 20h15 os manifestantes haviam se deslocado para a Praça Oswaldo Cruz, nesse local a Polícia Militar atirou bombas de efeito moral “para dispersar a multidão” e cerca de 100 pessoas se refugiaram no Shopping perto do local. A Polícia Militar não permitiu que pessoas entrassem ou saíssem do shopping até o fim do protesto “temendo outro confronto”. Os policiais militares, de acordo com a fonte, só começaram a entrar em confronto com os manifestantes após eles atearem fogo em lixeiras e bloquearem ruas de São Paulo (Em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/protesto-contr-aumento-da-tarifa-de-onibus-gera-tumulto-no-centro-do-rio.html>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Conforme o site da Folha de São Paulo, outro jornal de grande influência no país, em publicação intitulada “Protestos contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP” o confronto também teria sido marcado por atos de violência por parte dos manifestantes, como: depredação de placas, pichação de muros e ônibus e provocação de danos a um shopping. Os manifestantes teriam saído às 18h do centro da cidade para a Avenida Paulista, os policiais reagiram com bala de borracha e gás lacrimogêneo para conter o movimento e 30 ficaram feridos. Ainda:

“O movimento organizado pelo Movimento Passe Livre usou baterias, tambores e faixas contra o prefeito Fernando Haddad (PT). Nas mãos, eles empunhavam bandeiras do PCO (Partido da Causa Operária) e gritavam mãos para o alto, 3,20 é um assalto” (Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/112751-protesto-contr-aumento-de-onibus-tem-confronto-e-vandalismo-em-sp.shtml>>.

Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Nos jornais selecionados, o caráter apartidário dos movimentos, ou seja, a ausência de líderes e de partidos políticos envolvidos nos protestos foi evidenciada. Porém alguns partidos políticos foram citados, são eles: o Partido da Causa Operária, o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido da Luta e do Socialismo (PSTU) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Inicialmente as manifestações foram convocadas pelo Movimento Passe Livre, porém após a revogação do aumento da tarifa de ônibus, metrô e trens, um representante do Movimento afirmou que o MPL não convocaria outras manifestações, pois o grupo já havia conseguido o que queria (Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/mpl-diz-que-nao-convocara-novos-protestos-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

As mobilizações foram impulsionadas pela redução da tarifa do transporte público convocadas pelo Movimento Passe Livre, porém diversas outras manifestações começaram a ocorrer em outros Estados. Segundo o integrante do Movimento: “O MPL não vai convocar novas manifestações pelos próximos dias. Atingimos nosso objetivo, que era a revogação do aumento, e agora vamos avaliar a situação”, afirmou Douglas Belome, do MPL. Ainda mencionou que devido à ampliação das pautas nos protestos o MPL não se sentiu identificado com todas elas, principalmente as “pautas conservadoras” que pedem pela redução da maioria penal (Em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/21/mpl-anuncia-que-nao-vai-convocar-novas-manifestacoes-no-momento.htm>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Assim, devido ao crescimento e ampliação de pautas das manifestações de 2013 foi possível perceber através das fontes analisadas a presença de outros movimentos relacionados aos protestos, alguns menos outros mais identificados com o MPL, como: Movimento Ocupa Brasil e Movimento Sem Terra.

As primeiras impressões dos jornais analisados - Folha de São Paulo, Estadão e G1 - sobre a Manifestação do dia 6 de junho foram de que tal mobilização havia sido um ato de

puro vandalismo e violência. Nem mesmo os motivos da revolta do Movimento Passe Livre foram devidamente apresentados, dando a impressão de que os manifestantes estavam se manifestando devido ao aumento de “apenas” 20 centavos da passagem do transporte público.

As fontes ainda mencionavam que 20 centavos era muito pouco para ir às ruas, pois tal aumento nem havia sido acima da inflação do país. Sendo assim, as mídias televisivas têm a capacidade de por meio de suas reportagens no estilo *lead* (quem, como, quando e onde) construir a realidade do mundo. Sua força reside na ideia de que a mídia é apenas um canal de comunicação que narra os fatos, quando em realidade ela os constrói dando destaque para dados aspectos e visões em detrimento de outros (Teixeira, 1998).



Foto acima retirada da matéria do site Carta capital do dia 21 de agosto de 2013, denominada “O black bloc está na rua” e evidencia os trajes e máscaras utilizados pelo grupo durante os protestos de 2013.

Houve mesmo uma parcela de manifestantes que se expressou por meio de atos violentos durante as manifestações de 2013, eles utilizavam roupas pretas e cobriam o rosto com panos pretos para não serem identificados. Executaram depredações de propriedades do governo e não praticaram violência contra pessoas. O termo surgiu na Alemanha, eram grupos

de autodefesa dos movimentos autônomos – os Autonomen. As táticas utilizadas eram o enfileiramento de frente com a repressão policial e organizações de cordões para impedir a infiltração de agitadores (Ortellado, 2014).

Em 1990 os *black blocs* também apareceram em alguns protestos nos Estados Unidos e em Seattle no ano de 1999 os *blacks blocs* ganharam o contorno atual, a maioria do grupo era composto por ativistas ambientais que estiveram envolvidos em práticas de subir em árvores para impedir que fossem derrubadas. Porém, como na época os manifestantes eram brutalizados e até mesmo mortos e, além disso, os atos de violência policial não eram retratados na imprensa – assim como ocorreu no primeiro momento das manifestações de 2013 - eles decidiram mudar de tática e praticar a resistência passiva.

As táticas dos *black blocs*, na época, se baseavam na destruição de propriedades como maneira de resgatar a atenção dos meios de comunicação e, “ por meio da escolha de alvos - as grandes empresas transnacionais – expressar sua oposição aos acordos de livre-comércio” (Ortellado, 2014).

Nas manifestações de 2013, a parcela dos manifestantes que aderiram ao *black bloc* se autodenominou anticapitalista e anarquista e demonstrou tais princípios através da depredação de propriedades privadas. De acordo com o site da “Carta Capital” o grupo tem cunho anarquista e autonomista que vão do Movimento Passe Livre e outros coletivos até a face extrema dos encapuzados. (Em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017). Segundo um dos integrantes do grupo “atacar apenas propriedades não faz deles vândalos, pois não praticam violência contra pessoas”. Outro integrante do grupo afirma que “Nossa sociedade vive permeada por símbolos. Participar do Black Bloc é fazer uso deles para quebrar preconceitos, não só do alvo atacado, mas da ideia de vandalismo”. (Em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Retomando a sequência das manifestações, depois da primeira manifestação do dia 6 de junho em São Paulo outros três protestos ocorrem em São Paulo devido ao aumento da passagem de ônibus, metrô e trens. No dia 17 de junho trinta cidades protestaram no Brasil, cerca 16 cidades e de 12 capitais, dentre elas Brasília (Em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>> Acesso 22 fevereiro 2017). De acordo com site G1 a ampliação das pautas é

um fator que distingue a primeira manifestação dessas, as reivindicações das novas manifestações se baseavam em gastos excessivos com a Copa do Mundo, a precariedade do Serviço Público, a violência urbana, a corrupção e ainda o aumento das tarifas de transporte público.

Além da cidade de São Paulo, que foi o primeiro estado onde ocorreram as manifestações no país, darei enfoque à cidade de Brasília por ser a capital do país e porque suas manifestações se destacaram por atuar **em espaços políticos**: dos poderes da República, Praça dos Três Poderes e Congresso Nacional. Desse modo apresentarei as principais mobilizações ocorridas na capital do Brasil e como os jornais mais influentes compreenderam tais protestos. Também buscarei ressaltar as opiniões dos próprios manifestantes sobre os protestos ocorridos a fim de compreender as diferentes interpretações em disputa. Ainda pretendo analisar as percepções das autoridades políticas sobre as mobilizações e dos especialistas que analisaram todo o processo.

No dia 17 de junho ocorreu a primeira manifestação em Brasília, cerca de 5 mil pessoas participaram desse protesto. Segundo o site da Carta Capital: “Os manifestantes chegaram ao Congresso e um grupo invadiu o espelho d’água. Mais cedo, a PM – Polícia Militar - lançou bombas de gás lacrimogêneo para separar uma confusão entre um grupo do PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados e manifestantes” (Em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ao-vivo-as-manifestacoes-em-sp-rj-bh-e-brasilia-em-17-de-junho-9855.html>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

No dia 18 de junho ocorreu o segundo protesto em Brasília, de acordo com o site G1 o protesto teve presença de 10 mil pessoas e duração de quase 6 horas. Dessa vez o alegado vandalismo dos manifestantes não foi mencionado, mas sim o caráter pacífico da Manifestação foi ressaltado pela matéria. A polícia foi mostrada na notícia agindo de forma pacífica, segundo a fonte os policiais haviam reagido “apenas” com sprays de pimenta, ficaram “à distância observando o protesto” e “evitaram reagir às provocações”. Dois manifestantes foram presos ao tentar entrar na Câmara Legislativa sem autorização e uma janela de vidro foi quebrada pelos manifestantes (Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-deixam-entrada-do-congresso-apos-6-horas-de-protesto.html>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Os manifestantes se concentraram na entrada do Congresso Nacional e “se dispersaram” por volta das 23h45, eles cruzaram o Eixo Monumental e por volta das 18 horas se estabilizaram em frente ao Congresso Nacional. Segundo mesma fonte houve dois momentos de “tensões” durante o protesto, o primeiro momento teria sido quando os manifestantes furaram o cerco da polícia a fim de invadir a cobertura do prédio legislativo. Já o segundo momento aconteceu quando o diretor-geral da Câmara – Sérgio Sampaio – passou pelos manifestantes para averiguar se os policiais conseguiriam chegar a tempo de conter “uma eventual invasão” e foi criticado pelos manifestantes (Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-deixam-entrada-do-congresso-apos-6-horas-de-protesto.html>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).



Foto acima foi retirada da matéria do site G1 do dia 18 de junho de 2013, feita por: Fabiano Costa/G1.

A foto acima registra um dos momentos da manifestação do dia 18 de junho quando os manifestantes subiram na cobertura do Congresso Nacional. As primeiras manifestações, como já mencionado, ocorreram devido ao aumento de 20 centavos do transporte público e

foram convocadas pelo Movimento Passe Livre. Porém quando o movimento foi se expandindo inúmeras pautas foram sendo acrescentadas. As reivindicações passaram a ser contra a corrupção, contra a PEC 37¹ - Proposta de Emenda Constitucional 27/2012 - contra o Marco Feliciano² - presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados - contra a má educação e saúde, contra partidos políticos e contra gastos com a Copa. Também houve críticas ao governo da Dilma Rouseff e do governador do Distrito Federal Agnelo Queiroz (PT) e o pedido de saída do presidente do Senado Renan Calheiros.³

O site da Folha de São Paulo mencionou que durante a manifestação do dia 18 de junho os manifestantes subiram no teto do Congresso Nacional e a invasão havia sido liderada por grupos de skatistas e punks que gritavam palavras de ordem contra a Copa e o Congresso e reivindicavam em favor da melhoria da saúde, educação e transporte. Alguns manifestantes também entraram no espelho d'água em frente ao Congresso e teriam jogado água nos policiais que revidaram com spray de pimenta e bombas de gás lacrimogêneo (Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296688-protesto-contratarifas-leva-multidao-na-esplanada-dos-ministerios.shtml>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Segundo o site da Carta Capital no dia 20 de junho de 2013 outros protestos ocorreram em 100 cidades do país, em Brasília o protesto se iniciou às 17h45 quando os manifestantes se aproximam do Palácio do Planalto e a tropa de choque se deslocou para barrá-los. A polícia

¹ A PEC – 37 – Proposta de Emenda Constitucional que estabelece a exclusividade das investigações criminais às polícias federais e civis e reduz o poder de investigação do Ministério Público.

² O que gerou protestos contra Marco Feliciano foi devido a um inquérito que o acusa de homofobia e uma ação penal na qual é acusado de estelionato. Também é acusado de racismo devido a publicação feita por ele em seu *twitter* que dizia “Sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids, fome... Etc.” (Em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/grupos-protestam-contradeputado-pastor-e-renan-calheiros-em-brasiliat.html>> Acesso em: 31 de março de 2017).

³ Os protestos contra o senador Renan Calheiros foram realizados, pois ele é investigado pelo suposto uso de notas fiscais frias para justificar, em 2007, que tinha renda para pagar a pensão de uma filha (Em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/grupos-protestam-contradeputado-pastor-e-renan-calheiros-em-brasiliat.html>> Acesso em: 31 de março de 2017).

estimou em torno de 30 mil pessoas participando do evento. Segundo o site da Carta Capital durante o protesto havia ocorrido alguns momentos de confronto entre policiais e manifestantes, o primeiro momento ocorreu quando um grupo havia forçado a barreira policial, o outro momento aconteceu quando um manifestante jogou um rojão contra a polícia. Segundo mesma fonte os manifestantes haviam feito uma fogueira com cartazes em frente ao Congresso e os policiais atacaram com spray de pimenta para evitar que manifestantes entrassem no espelho d'água (Em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Ainda com relação ao dia 20 de junho, o momento considerado pelo G1 de maior tensão ocorreu às 20h26 quando manifestantes tentaram invadir o prédio do Itamaraty, jogaram pedras contra vidraças do prédio e segundo o site 100 fuzileiros navais chegaram ao Itamaraty para reforçar a segurança do prédio. O site G1 afirmou, ainda, que apesar das manifestações serem consideradas legítimas houve também a presença de uma minoria de vândalos que atiraram objetos contra o Itamaraty, fizeram fogueira e tentaram ocupar o prédio (Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestacao-em-brasilia-tem-3-presos-e-mais-de-120-feridos.html>> Acesso 22 fevereiro 2017).

Os atos de violência realçados na matéria foram, além dos ataques ao Itamaraty: a destruição de cones de sinalização de trânsito, a queima de cartazes e entulhos perto do prédio do Ministério do Trabalho e a depredação de bandeiras da Alameda dos Estados. O Comandante da Polícia Militar afirmou que os policiais não reagiram violentamente, segundo ele: “Nosso objetivo é sempre evitar o confronto. Não queremos contato físico e não queremos machucar nem os vândalos, nem os manifestantes”.



A foto acima mostra o confronto entre manifestantes e policiais durante o protesto do dia 20 de junho em Brasília- Foto: Dida Sampaio/Estadão Conteúdo, (Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestacao-em-brasilia-tem-3-presos-e-mais-de-120-feridos.html>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

A foto acima evidencia uma parte da repressão policial sofrida pelos manifestantes. Além disso, a imagem mostra o manifestante segurando a bandeira do Brasil e um cartaz utilizado durante o protesto. As fotos tiradas durante os protestos servem de base para analisar os símbolos que foram utilizados durante as mobilizações de 2013. A análise dos símbolos das manifestações será feita no capítulo 3 a fim de compreender como os manifestantes se representaram.

Durante o mês de junho ocorreram outras manifestações em Brasília, porém a maioria teve a presença de 50 a 100 pessoas. Darei enfoque apenas às manifestações dos dias 22, 26 e 27 de junho, pois tiveram um número maior de manifestantes e mais destaque na mídia.

No dia 22 de junho houve outra manifestação em Brasília que teve presença de pelo menos três mil e quinhentas pessoas, segundo Correio Braziliense:

“O grupo interditou as quatro faixas esquerdas do Eixo Monumental, deixando apenas duas livres para os carros. Eles desceram até o Congresso cantando o hino nacional e carregando faixas e cartazes contra a PEC 37 e contra a corrupção. Além de outras reivindicações, eles exigiram que os mensaleiros condenados deixassem de exercer o mandato.” (Em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/22/interna_cidadesdf,372879/protesto-contrapec-37-reune-3-5-mil-em-brasilia-seis-pessoas-sao-presas.shtml> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Por volta das 21h20 os manifestantes teriam se dispersado e quatro pessoas foram presas portando pedras, coquetéis molotov, facas e um estilingue. Enquanto os manifestantes voltavam a pé, perto da rodoviária dois “vândalos” foram presos (Em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/22/interna_cidadesdf,372879/protesto-contrapec-37-reune-3-5-mil-em-brasilia-seis-pessoas-sao-presas.shtml> Acesso 22 fevereiro 2017).

Já a manifestação do dia 26 de junho teve presença de duas mil pessoas que se aglomeraram em frente ao Congresso Nacional, ocuparam todas as faixas do Eixo Rodoviário Sul e bloquearam as vias de acesso do Eixo Monumental, da W3 Sul ao Eixo W com cones da Polícia Militar. Duas pessoas foram presas, uma portava maconha e outra carregava facões, canivetes e máscaras (Em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/26/interna_cidadesdf,373568/confira-como-foi-o-dia-de-manifestacoes-em-brasilia.shtml> Acesso em: 22 fevereiro 2017). Segundo Correio Braziliense as reivindicações dos manifestantes eram contra a corrupção, pela saída do Renan Calheiros da presidência do Senado e reformas políticas e tributárias.



Foto retirada do site do Correio Braziliense, do dia 26 de junho de 2013.

O site do G1 do dia 26 de junho afirma que de acordo com a Polícia Militar havia quatro mil pessoas na manifestação do dia 26 de junho em Brasília, o protesto teve fim às 23 horas e pelo menos 27 pessoas foram presas. Cerca de quatro mil policiais militares acompanharam o protesto, dispararam gás lacrimogênio quando os manifestantes tentaram fechar a rua W3. Como o clima no Brasil era de Copa do Mundo os manifestantes chutaram as bolas de futebol espalhadas na Explanada a fim de criticar os gastos considerados excessivos com a Copa do Mundo, como é evidenciado na foto acima. Um estudante portava o seguinte cartaz: “Que Neymar que nada. O verdadeiro herói da Copa do Vinagre é o povo brasileiro”. O termo “Vinagre” destacado pelo estudante é referente ao produto utilizado pelos manifestantes durante as manifestações que serviu para protegê-los contra o gás lacrimogêneo disparado pelos policiais.

O protesto ocorreu na semifinal dos jogos entre Uruguai e Brasil, segundo o site do Estadão o número de manifestantes foi menor que o esperado, com a presença de mil e quinhentas pessoas no início do protesto. A matéria do Estadão afirma que a diminuição da quantidade de manifestantes pode ter ocorrido devido ao choque de horário das manifestações com os Jogos da Copa. Durante o protesto foi possível ver manifestantes olhando os celulares a fim de consultar o placar do Jogo. Depois do Jogo o número de manifestantes aumentou, chegando a quatro mil (Em: <<http://esportes.estadao.com.br/blogs/selecao-universitaria/jogo-esvazia-manifestacao-em-brasilia/>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

No dia 27 de junho ocorreu outra Manifestação em Brasília organizada pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e líderes do Movimento Sem Terra também estavam presentes. Mil e quinhentas pessoas participaram do protesto e os manifestantes ocuparam todas as faixas da via S1 em direção ao Congresso Nacional. De acordo com o Correio Braziliense “O grupo pede que 100% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal sejam destinados à educação pública”, além disso, também pediam a saída do deputado Marco Feliciano da Comissão de Direitos Humanos e o Passe Livre (Em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/estudantes-da-une-ubes-fazem-manifestacao-pacifica-em-brasilia-8828967>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Também houve nas manifestações a presença da mídia Ninja que é uma mídia alternativa que realiza o jornalismo através da filmagem dos acontecimentos em tempo real, feita com a câmera do celular ou qualquer aparelho eletrônico de fácil acesso. A mídia é formada por um grupo de pessoas de variadas profissões.

É um tipo de mídia que permite a transmissão da informação em tempo real e colaborou com a divulgação de informações sobre as manifestações, buscando uma abordagem diferente da grande mídia. Um vídeo no site *Youtube* intitulado “A cobertura Ninja nas manifestações de junho de 2013” mostra a visão de um dos integrantes da Mídia Ninja que afirmou que a maior parte da violência durante os protestos foi praticada pelo Estado contra as pessoas.

Segundo entrevista feita com dois integrantes da mídia Ninja realizada pelo canal Roda Viva e publicada no dia 8 de agosto de 2013 no site *Youtube* a sigla NINJA significa Narrativas Independentes Jornalismo e Ação, é uma rede de mídia independente que tem origem anterior às manifestações de 2013. Os integrantes se autodenominam jornalistas e afirmam que transmitem notícia da forma mais crua e honesta que podem (Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kmvgDn-lpNQ>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

De acordo com os dois participantes entrevistados a Mídia foi fundada em 2005 e é financiada pela Rede Fora do Eixo⁴, composta por duas mil pessoas que prestam serviços e

⁴ Rede Fora do Eixo é uma rede não-governamental, iniciada em 2005 como um circuito musical alternativo, ampliou em muito seu alcance – no Rio Grande do Sul, há casas fora do Eixo em Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria. Com o tempo, também ampliaram-se as áreas de atuação. A organização conta com um "banco" informal que regula repasses de dinheiro

estrutura para seu funcionamento, realizando oficinas, festivais e ensaios audiovisuais (Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kmvvgDn-lpNQ>> Acesso em: 22 fevereiro 2017). Além disso, os integrantes mencionam que nesse tipo de mídia as pessoas são ativas na produção da informação, por isso são as próprias pessoas que compõem a rede que devem ajudar financeiramente para que ela funcione.

Para seus integrantes, o jornalismo quando migrou para a rede social pode se desenvolver a partir de outra lógica econômica, deixando de ser encarado como uma atividade industrial, passando a ser visto como independente e autônomo e pôde ser transmitido por qualquer um. Tal mídia realizada através da rede social tornou a informação uma via de mão dupla entre as pessoas que recebem e as que transmitem informação. Esta é a auto apresentação que consta no site oficial da Mídia Ninja no *facebook*:

“A Internet mudou o jornalismo e nós fazemos parte dessa transformação. Vivemos uma cultura peertopeer (P2P), que permite a troca de informações diretas entre as pessoas, sem a presença dos velhos intermediários. Novas tecnologias e novas aplicações têm permitido o surgimento de novos espaços para trocas, nos quais as pessoas não só recebem, mas também produzem informações.”⁵

entre os diferentes coletivos associados a ela, um grupo dedicado a estudar e promover políticas para a cultura e uma universidade improvisada (UniFdE), que oferece cursos e "vivências" a interessados que se candidatam por meio de editais. As casas onde se realizam essas atividades também servem de moradia permanente ou temporária para os membros do grupo. Quem trabalha não recebe salário, mas tem direito a custear suas despesas pelo uso compartilhado de um cartão de banco. Até peças de roupa têm uso coletivo. Além de dinheiro de verdade, a entidade utiliza uma moeda fictícia, chamada FdE card, com a qual se pagam, por vezes, colaboradores e artistas. A moeda pode ser trocada por serviços prestados pelo próprio grupo, ou em alguns pontos de comércio parceiros. (Em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/08/como-operam-no-brasil-a-rede-fora-do-eixo-e-o-grupo-jornalistico-midia-ninja-4229701.html>> Acesso 31 de março de 2017).

⁵ Facebook, mídia ninja, disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/?fref=ts>> Acesso em: 24 de janeiro de 2013

A internet teve bastante influência nas manifestações de 2013, por isso é uma ferramenta importante a ser analisada. Pretendo compreender no capítulo 2 de que modo o meio virtual gerou informações e como ele se estruturou para compartilhar informações durante as manifestações de 2013. A mídia Ninja é um exemplo de como ocorre o jornalismo realizado por meio da internet e não financiado por empresas privadas.

Em documentário publicado no *Youtube* e intitulado “Junho, o mês que abalou o Brasil” é possível encontrar também relatos de manifestantes que estavam presentes nas manifestações ocorridas em São Paulo. A jornalista do jornal da Folha de São Paulo participou do documentário e mencionou que começou a cobrir os protestos do primeiro dia (6 de junho) e afirma que o público das manifestações já era bastante heterogêneo e havia presença de alguns partidos políticos. A respeito da violência praticada pelos policiais ela comenta o episódio sobre um ciclista que não tinha relação com o protesto e estava passando na faixa que a polícia estava tentando liberar e foi jogado no canteiro central por cerca de seis policiais. Sobre o vandalismo dos manifestantes ela afirma que “boa parte não estava praticando violência”, apenas uma minoria.

A jornalista da TV Folha conta que foi atingida no olho durante um dos protestos de São Paulo e afirmou que muita gente que não estava envolvida com os protestos também foi atingida pelos policiais. Segundo ela os policiais apontavam a arma para qualquer jornalista que tentava se aproximar do protesto e atiravam bombas em pessoas que estavam gritando “Sem violência”.

Sobre o momento em que foi atingida por um PM no olho a jornalista relata:

“Já tinha saído da zona de conflito principal quando fui atingida – na Consolação, em que havia sido ameaçada por um policial por estar filmando a violência – quando fui atingida. Estava na Augusta com pouquíssimos manifestantes na rua. Tentei ajudar uma mulher perdida no meio do caos e coloquei ela dentro de um estacionamento. O Choque havia voltado ao caminhão que os transportava; Fui checar se tinham ido embora quando eles desceram de novo. Não vi nenhuma manifestação violenta ao meu redor, não me manifestei de nenhuma forma contra os policiais, estava usando a identificação da Folha e nem sequer estava gravando a cena. Vi o policial mirar em mim e no querido colega Leandro Machado e atirar. Tomei um tiro na cara. Os médicos disseram que meus óculos possivelmente salvaram o meu olho.

Cobri os dois protestos nesta semana. Não me arrependo nem um pouco de participar desta cobertura (embora minha família vá piorar com esta afirmação). Acho que o que aconteceu comigo, outros jornalistas e manifestantes, mostra que existem, sim, um lado certo e um errado nessa história. De que lado você samba?” (Ortellado, 2013, p. 115).

Tal indagação da jornalista com as ações políticas é interessante para pensar que existem vários lados da “história” durante o processo das manifestações. Desse modo pretendo refletir as mobilizações como formas de adesão social, ou formas de posicionamentos e pertença social. Tal análise será feita no capítulo 2.

Integrante do Movimento Passe Livre afirma no documentário que o MPL tentou conversar com a polícia para não ocorrer repressão policial como no primeiro dia de protesto. Segundo ela, o dia seguinte de mobilização estava tranquilo, porém os policiais armaram uma “emboscada” e começaram a atirar e jogar bombas de gás lacrimogêneo nos manifestantes. Já para o Coronel da Polícia Militar os atos de violência praticados pelos policiais nas manifestações não refletem a maioria dos policiais presentes nos protestos.

Outra manifestante que participou do protesto do dia 6 de junho afirmou no documentário que devido à repressão policial surgiram manuais na internet de como lidar com o gás lacrimogênio e indicaram o vinagre para se defender dos efeitos do gás. Depois disso a polícia começou a impedir pessoas que portavam vinagre de participar das mobilizações.

A manifestante também menciona no documentário que a mídia inicialmente estava contra os protestos, porém depois do dia 13 de junho começou a apoiá-los, pois já não era mais possível esconder toda a repressão policial ocorrida durante as mobilizações. Expressão desse tipo de mudança foi vista na emissora Record. O jornalista Datena do programa Cidade Alerta caracterizou os manifestantes de vândalos e associou as mobilizações com a extrema esquerda do país. Mas depois de fazer uma enquete com a população/telespectadores sobre a validade dos protestos o jornalista mudou o discurso, pois a maioria apoiou as manifestações.

Tarifazero.org é o site oficial do Movimento Passe Livre, nele é possível acessar publicações dos integrantes do movimento. No dia 15 de junho de 2013 é postado o texto intitulado “Em torno do direito de ir e vir: existe diálogo em São Paulo?”. No texto a integrante comenta sobre a maneira que a repressão policial é transmitida pela mídia:

“Sou radicalmente contra depredações de ônibus, de abrigos, de estações de metrô: são patrimônio de todos e devem ser cuidados. Aliás, essa nunca foi a prática do Movimento Passe Livre. Mas o discurso da mídia tenta transformar o ato de alguns em justificativa para a repressão violenta da polícia. Isso, ao meu ver, é inaceitável. Nada justifica o nível de violência a que assistimos ontem nas ruas de São Paulo: balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, pessoas revistadas e presas por levar vinagre na mochila, manifestantes e jornalistas presos e feridos.” (Em: <<http://tarifazero.org/2013/06/15/em-torno-do-direito-de-ir-e-vir-existe-dialogo-em-sp/>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

A internet é um meio que permite que comentários como o acima sejam compartilhados através de sites e redes sociais. Nas matérias dos jornais – Folha de São Paulo, G1, Estadão e Correio Braziliense- analisados nesta pesquisa, também foram possíveis encontrar comentários de pessoas que acessaram as notícias e deixaram suas opiniões nas páginas. Pretendo a seguir verificar os comentários e evidenciar de que modo os protestos foram interpretados por essas pessoas.

No dia 6 de junho o site do G1 publicou a matéria intitulada “Protesto contra aumento da tarifa de ônibus gera tumulto no Centro do Rio”, tal matéria obteve 210 comentários. A maioria dos comentários afirmou que a revolta contra o aumento do transporte público está fazendo o povo “acordar”. Houve poucos comentários que mencionaram a Ditadura como melhor forma de governo, mas muitos discordaram da volta da Ditadura no Brasil. Houve críticas contra a UNE, afirmando que é “pelega” e não representa os estudantes. Houve manifestantes que foram denominados de “comunas”, mas isso foi a minoria dos comentários, e a corrupção foi apontada por muitos como um dos maiores problemas do país. Por último, as mídias foram mencionadas e, principalmente, “a globo” foi criticada por ser parcial e “distorcer os verdadeiros fatos” das notícias.

Outra matéria do site G1 intitulada “Manifestantes deixam entrada do Congresso após 6 horas de protesto” do dia 18 de junho recebeu 634 comentários. Foram feitas muitas reclamações sobre os gastos excessivos com a Copa, a expressão “O Brasil acordou” foi muito utilizada e uma mulher comentou que pela primeira vez sentiu orgulho de ser brasileira. Críticas sobre a corrupção dos governantes foram bastante feitas e os “mensaleiros”, o PT – Partido dos Trabalhadores - e PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira - foram citados como corruptos e alguns pediam “fora Dilma”. Outros reclamaram da situação

precária da saúde, educação e transporte públicos do país. Um dos comentários criticou a superlotação de ministérios no país que seriam pagos com dinheiro da classe média, outro mencionou a necessidade de diminuir deputados do governo. Houve poucos comentários que criticaram a grande quantidade de impostos que são obrigados a pagar para o governo e houve uma minoria que se mostrou contra o programa bolsa família do governo. Poucas pessoas se posicionaram contra as mobilizações nos comentários analisados, porém ressaltou a seguir uma opinião divergente para compreender de que forma o pensamento da oposição se baseou:

“Nossa! Contra o Feliciano? Só por que ele é de Deus, sou católico com muito orgulho e esse bando de desocupado que só quer quebrar nosso patrimônio... uma vergonha. Viva a Família, por isso que vocês deveriam estar lutando, e o pior é que levam partidos comunistas do PSOL E PSTU. Sou favor da PM que sofre por causa dessa juventude.” (Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-deixam-entrada-do-congresso-apos-6-horas-de-protesto.html>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Outra voz importante na cobertura feita pela imprensa foi a dos especialistas. Denomino especialistas os profissionais que foram chamados a explicar as causas das Manifestações de 2013, além de suas razões imediatas; são eles: sociólogos, jornalistas, cientistas políticos entre outros. Marta Ferreira Santos Farah socióloga e professora da FGV afirmou que o movimento teve a presença de jovens desacreditados com a política do país, lutando por educação, saúde, segurança e transporte de melhores qualidades, contra a corrupção e gastos excessivos com a Copa do Mundo (Em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/politica-e-sociedade-as-manifestacoes-de-rua-de-2013-e-2015/>> Acesso 22 fevereiro 2017).

Outro fator que o cientista político Leonardo Sakamoto da PUC evidenciou foi a falta de diálogo com as “autoridades”, o que eles chamaram de déficit da democracia participativa. Segundo o integrante do Movimento Passe Livre Lucas Monteiro no documentário “As jornadas de Junho” as estruturas hierárquicas não estão dando conta de lidar com a estrutura de organização dos movimentos que se revoltam em diversos lugares.

Outra abordagem encontrada na caracterização das manifestações feita pelos especialistas foi a “espontaneidade”. Pretendo analisar essa categoria e tentar compreender como ela foi construída no capítulo 3. Essa categoria é atribuída às manifestações no filme

“As jornadas de junho” onde especialistas afirmam ser a primeira vez que houve uma manifestação sem líder e sem partidos envolvidos, de caráter espontâneo e imprevisível no país – mas também em muitas outras situações em que os “especialistas” foram chamados a analisar o fenômeno.

As autoridades políticas também foram responsáveis por categorizar e interpretar as manifestações. No dia 7 de junho de 2013 o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, comentou sobre a manifestação do dia 6 de junho: “Isso não é manifestação, é vandalismo. Por isso você tem que tratar como tal: vandalismo. Não é possível aceitar depredação do Patrimônio Público e prejuízo para a população” (Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291417-alckmin-critica-manifestacao-e-defende-acao-da-policia-na-paulista.shtml>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Em matéria do site G1, do dia 12 de junho, o político Fernando Haddad filiado ao Partido dos Trabalhadores e prefeito da cidade de São Paulo comentou que se comprometeu a reajustar o preço da passagem abaixo da inflação e está cumprindo isso, por isso não vê motivos para a manifestação (Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/nao-vou-dialogar-em-situacao-de-violencia-diz-haddad-apos-protesto.html>> Acesso 22 fevereiro 2017).

Devido à continuidade dos protestos, no dia 14 de junho de 2013, Fernando Haddad decidiu convocar o Movimento Passe Livre para um diálogo, porém o prefeito afirmou que o movimento não estava disposto a dialogar. Até o momento a redução da tarifa do transporte público e a tarifa zero eram consideradas inviáveis pelo o Prefeito e Governador de São Paulo.

O Movimento Passe Livre publicou, em resposta, nota sobre a alegada recusa de dialogar com as autoridades:

“O Movimento Passe Livre São Paulo está perfeitamente aberto ao diálogo, no entanto, não temos disposição em negociar algo diferente daquilo que a população está exigindo nas ruas. Nas atuais mobilizações, temos uma reivindicação clara: a **REVOGAÇÃO DO AUMENTO**” (Em: <<http://tarifazero.org/2013/06/09/sao-paulo-nota-publica-do-movimento-passe-livre-sobre-a-luta-contr-o-aumento/>> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Ainda sobre a suposta falta de diálogo do Movimento Passe Livre com as autoridades, afirmada pelo prefeito e noticiada nos jornais, o integrante do MPL publica no site *tarifazero.org* a seguinte resposta:

“Ontem o Movimento Passe Livre protocolou um pedido de reunião na prefeitura, para debater a necessária revogação do aumento, e a prefeitura insiste em dizer que o movimento não quer dialogar! Que vergonha, Haddad! Violência é aumentar a tarifa e com ela a exclusão social. Violência são as muitas bombas de gás disparadas contra milhares de pessoas.” (Em: <<http://tarifazero.org/2013/06/12/sao-paulo-o-prefeito-se-recusa-a-dialogar/>> Acesso m: 22 fevereiro 2013).

Pablo Ortellado é formado em Gestão de Políticas Públicas e desenvolve pesquisa sobre privacidade, políticas culturais e movimentos sociais. Em 2013 escreveu um livro intitulado “Vinte centavos: a luta contra o aumento” que descreve como ocorreram as manifestações de 2013, demonstrando suas diferentes perspectivas. Ortellado também participou do documentário “Jornadas de junho” e desse modo, ora é tratado nesta pesquisa como autor, ora como especialista devido sua participação no documentário.

Ortellado (2013) descreve como vereadores de diferentes partidos se posicionaram em relação às Manifestações durante a Sessão da Câmara Municipal. O vereador Andrea Matarazzo do PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira - reconheceu que os ônibus realmente precisam de uma reforma, mas ponderou que não é necessário atos de vandalismo, também criticou o Prefeito Haddad por estar afastado do país em um momento difícil e ironizou dizendo que o PT está sofrendo na pele o que fez outros partidos passarem quando apoiou o Movimento Passe Livre.

Ortellado (2013) também mostra o posicionamento dos vereadores do PT, Partido dos Trabalhadores, e PSOL, Partido Socialismo e Liberdade – Arselino Tatto e Toninho Vespoli, afirmando que são a favor de manifestações pacíficas e não do vandalismo e depredação do patrimônio público. O vereador do PSOL – Partido Socialismo e Liberdade - fez questão de lembrar a péssima qualidade do transporte público para validar as manifestações e, mesmo não concordando com o vandalismo, disse acreditar que a mídia está produzindo um senso comum sobre as manifestações e esquecendo-se de comentar o mais relevante que é a qualidade e o custo do transporte público. Por último demonstra o posicionamento do vereador do PMDB, Partido do Movimento Democrático Brasileiro – Rubens Calvo – que

afirmou que já militou na esquerda, mas não acha justas manifestações com “arruaceiros” depredando prédios, impedindo a passagem de carros e inviabilizando os trabalhadores de chegarem a casa e nos hospitais.

De sua perspectiva, apenas quando as autoridades perceberam o apoio da população às manifestações é que elas passaram a aprová-las. E a partir da circulação de vídeos anônimos feitos pelos próprios manifestantes que estavam presente nos protestos evidenciando a repressão policial, o discurso da mídia se modificou. Ortellado (2013) destaca, nesse sentido, a existência de um vídeo no site *Youtube* postado por anônimo que mostra um policial quebrando o vidro da sua própria viatura a fim de incriminar os manifestantes, o vídeo tem duração de 24 segundos. Segundo matéria publicada pelo site G1 do dia 14 de junho, a Corregedoria da PM iria apurar o vídeo para tentar identificar o policial e puni-lo adequadamente. Uma perita afirmou na matéria que não dá para dizer se a pancada realizada pelo policial teve finalidade de incriminar os manifestantes ou foi para assustar alguém dentro da viatura.

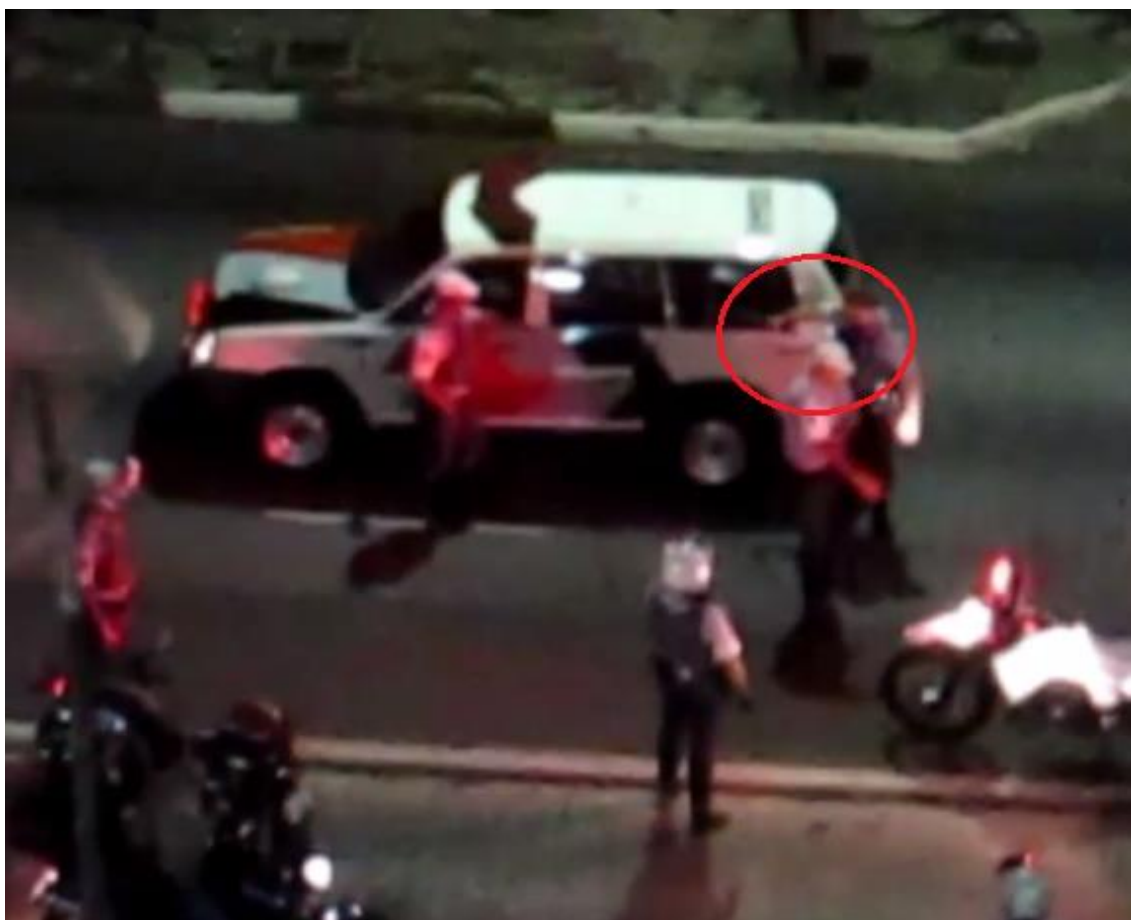


Foto tirada do site G1, do dia 14 de junho de 2013, mostra o momento em que o policial dá a pancada na viatura.

A postura da mídia empresarial ao se referir aos protestos teria, portanto, havia se alterado após a denúncia nas redes sociais da violência praticada pelos policiais, bem como após o posicionamento favorável de vários “especialistas”. A matéria do G1 do dia 14 de junho recebeu o título “Polícia Militar utiliza violência para reprimir protestos em São Paulo”. A matéria se refere aos manifestantes como “pessoas assustadas diante da violência policial” e pela primeira vez as opiniões dos manifestantes a respeito dos protestos foram publicadas. “A ação da polícia foi extremamente desproporcional e é prova de que o movimento pacífico está sendo duramente reprimido”, declarou a ativista Mayara Vivian (Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/pm-apura-video-que-mostra-policial-quebrando-vidro-de-viatura.html>> Acesso 22 em: fevereiro 2017).

No dia 19 de junho a Folha de São Paulo publicou matéria intitulada “Alckmin e Haddad decidem voltar tarifa de ônibus e metrô para 3,00”, o que antes foi alegado ser inviável pelo prefeito e governador de São Paulo foi realizado. Por fim os manifestantes conseguiram a redução da passagem do transporte. Alckmin e Haddad afirmaram na matéria que alguns investimentos estariam comprometidos por causa de tal decisão; segundo Alckmin:

“Duas palavras aqui. Primeiro: nossa total prioridade ao transporte público de qualidade. Estimular o transporte coletivo que a população precisa e deseja. A segunda é o compromisso com a cidade. Nós queremos tranquilidade na cidade, que a cidade funcione, para que os temas legitimamente levantados nas manifestações possam ser debatidos com tranquilidade. Então quero dizer aqui que no caso do metrô e do trem, nós vamos revogar o reajuste, voltando para o preço original 3,00. Sacrifício grande. Nós vamos ter que cortar investimentos, porque as empresas não suportam e não têm como arcar com essa diferença. Então, o tesouro paulista, o orçamento do Estado, vamos arcar com os custos fazendo um ajuste na área de investimento, apertando o cinto, mas entendo que é importante para o transporte coletivo, que é prioridade, de alta capacidade e qualidade e de outro lado para a cidade para a gente poder ter tranquilidade e debater temas legitimamente colocados” (Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297883-alckmin-e-haddad->

[decidem-voltar-tarifa-de-onibus-e-metro-para-r-3.shtml](#)> Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Assim, pudemos ver que a representação que a imprensa empresarial fez sobre as manifestações de 2013 mudou ao longo do mês de junho, tendo como marco, segundo a maioria dos interlocutores mapeados na internet, a denúncia da violência policial feita nas redes sociais. Se inicialmente o discurso predominante foi sobre o vandalismo dos manifestantes, depois que a Mídia Ninja e diversos manifestantes postaram na internet imagens e depoimentos focalizando a repressão policial sofrida pelos manifestantes e vídeos no *youtube* o discurso da imprensa empresarial se modificou. A cobertura sobre os protestos tornou-se ambígua; crítica à violência policial, reconhecimento das demandas feitas nas mobilizações e também crítica ao “quebra-quebra” feito por parte dos manifestantes.

Pudemos também notar que existem diferentes perspectivas e pontos de vista, considerando o tipo de mídia e os atores - autoridades políticas, manifestantes, especialistas e os próprios jornalistas que se posicionavam como se apenas estivessem narrando acontecimentos objetivos.

Por último, ficou evidente o papel da internet como ferramenta política nas manifestações de 2013. Através das informações circuladas no meio virtual foi possível modificar o discurso das mídias e atores envolvidos nas mobilizações. Assim, será tratado no capítulo seguinte de que modo a internet influenciou não apenas a cobertura jornalística, mas também as próprias manifestações de 2013.

5 Capítulo 2: Internet, uma ferramenta política?

As manifestações ocorridas em 2013 tiveram grande repercussão na internet e um dos grandes diferenciais de tais movimentos foi a utilização da internet como meio de divulgação e convocação de suas mobilizações. Manuel Castells (2013) analisa os Movimentos Sociais que começaram no mundo Árabe e se espalharam para o resto do mundo e utilizaram a rede social como ferramenta política. Segundo o autor, tais movimentos foram impulsionados pela crise econômica, pobreza e falta de democracia, os manifestantes foram confrontados pelas ditaduras locais do Mundo Árabe. Os movimentos se espalharam para outros lugares – Espanha, Grécia, Portugal, Itália e Estados Unidos da América - e lutavam contra a crise econômica na Europa e nos Estados Unidos e pelo governo que se colocava ao lado da elite responsável pela crise. O autor caracteriza essas manifestações como:

“Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões” (Castells, 2013, p. 12).

A escolha desse autor deve-se, entre outras razões, pela compreensão de que as reivindicações de 2013 no Brasil também expressaram grande suspeita em relação à mídia televisiva e jornalística do país, como se esses meios de comunicações fossem parciais e omitissem a veracidade dos fatos. Mas também porque para Castells (2013) quando um grande número de pessoas começa a desconfiar das organizações do Estado fica difícil manter uma ordem, já que sem a confiança nas Instituições ela não se sustentaria. E a desconfiança da mídia empresarial e ao mesmo tempo das organizações do Estado ocorreu nas manifestações de 2013. Pode-se aventar que tal dupla recusa deva-se ao fato de que a mídia é regulada e intrinsicamente vinculada aos agentes políticos que compõem as instituições do Estado, pois como nos alerta Eisenberg:

“A política no mundo contemporâneo é, antes de tudo, um conjunto de interações sociais mediadas por instituições responsáveis pela produção e difusão da informação que é considerada pública. Em outras palavras, a mídia não é meramente uma técnica constituinte de um setor do mercado capitalista, ela é um conjunto de

agentes político-estratégicos responsáveis pela produção e difusão de informação.” (Eisenberg, 2003)

Pelo fato da internet ser a principal fonte de compartilhamento de informações durante as manifestações de 2013 é importante pensar quais as características desse meio virtual que modificam as formas de receber e transmitir informações.

O autor Néstor Garcia Canclini (2008) ajuda a refletir sobre como as práticas de leituras se estruturam no meio virtual. Segundo ele, através da internet é possível ampliar as formas de transmitir informações, conhecimento, de se comunicar e interagir com o mundo. A leitura na atualidade não é mais medida a partir da quantidade de livros lidos por uma pessoa, mas sim é averiguada em todo esse meio tecnológico que o ser humano passa a ser inserido.

Pierre Levy (1998) também analisa de que modo ocorrem as leituras na internet, denomina *hipertextos* o universo de sentido que compõe os elementos de mensagens e os atores da comunicação. Ele afirma que o *hipertexto* no mundo virtual é dinâmico, apresenta aspecto de multimídia e é veloz, pois as informações são acessadas apenas com cliques do *mouse* e são enviadas para muitas pessoas. Segundo o autor, a internet possibilita uma leitura diferenciada, pois é mais dinâmica e flexível:

“O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois entra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra do parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso.” (Levi, 1998, p. 24).

Contudo, na internet só é possível realizar a leitura de partes de um todo, ou seja, existe o limite entre a tela do computador e o leitor. Por isso no meio virtual o usuário não tem contato total com o conteúdo que está acessando, apenas tem relação com os fragmentos que estão aparecendo na tela. Esse fator pode prejudicar a leitura integral e total de um texto publicado no meio virtual, pois o acesso a apenas fragmentos de um texto provoca a perda de

informações e modifica o conteúdo que está sendo acessado, resultando em interpretações resumidas e incompletas de um determinado assunto.

Outro fator que pode ser prejudicial no modo como as pessoas praticam a leitura no meio virtual é a possibilidade que o meio oferece para os usuários fazerem seleções dos assuntos que mais os interessam, ocorrendo a convergência das pessoas de pensamentos similares e distanciamento entre pessoas de pensamentos opostos, colaborando para a perda do acesso a diversidade de informações e de perspectivas sobre o mundo. Esse fator pode ser considerado um ponto negativo em relação ao uso da internet como ferramenta política, pois como aderir ou escolher apoiar os diversos posicionamentos da sociedade sem entrar em contato com eles? A internet permite que as pessoas interrompam contatos com pessoas e perspectivas que estejam em discordâncias com as suas opiniões, isso é um fator que incentiva a intolerância em relação às diferenças. Além disso, prejudica a própria política em si, pois acaba com as negociações das diferenças, ou seja, a política deixa de ser um meio de representação de vários grupos opostos que negociam e argumentam entre si como ocorre por exemplo em Assembleias políticas.

Outra fragilidade do meio virtual ocorre devido à sua agilidade e excesso das informações que possui, podendo ocorrer o incentivo de respostas rápidas ao invés de respostas refletidas, além da dificuldade do usuário de selecionar informações relevantes (Sampaio, 2009, p. 8).

As possibilitadas de acesso às informações na internet são, assim, variadas, pois há possibilidade de acessar textos, mensagens, vídeos, mapas e imagens que ajudam e ampliam a compreensão de determinado assunto. Por isso Canclini (2015) afirma que o meio virtual é dinâmico e interativo, pois permite que o indivíduo se conecte a várias formas de acesso ao conteúdo ao mesmo tempo. Pierre Levy dá a definição de toda a variedade de opções que a internet fornece:

“Os gêneros próprios da cibercultura são bastantes diversos: composições automáticas de partituras ou de textos, músicas “tecno” resultantes de um trabalho recursivo de amostragem e de arranjos musicais já existentes, sistemas de vida artificial ou de robôs automáticos, mundos virtuais, sites com uma proposta de intervenção estética ou cultural, hipermídias, eventos federados pela rede ou

envolvendo os participantes por meio de dispositivos digitais, hibridações diversas do real e do virtual, instalações interativas, etc.” (Levy, 1999, p. 135).

Segundo Canclini (2008) a interação no meio virtual ocorre de forma rápida e acelerada, o indivíduo é bombardeado com várias informações por segundo e o conteúdo da rede é compartilhado rapidamente entre seus usuários. As informações que circulam na rede se espalham de forma quase instantânea e podem ter caráter permanente, pois podem ser acessadas por seus usuários de forma contínua a menos que façam alterações em seu conteúdo. Tal critério não ocorre na mídia televisiva, pois a informação é transmitida em um determinado momento e não pode ser acessada facilmente pelos telespectadores como no meio virtual – teria sido preciso gravar ou solicitar à emissora uma cópia, por exemplo, para que se possa rever a informação/reportagem.

O conteúdo que circula na internet é produzido pelas próprias pessoas que o compõem, ou seja, o indivíduo pode ser autor de informações que percorrem o meio virtual. A internet permite que indivíduo faça parte da notícia, ele não apenas recebe a informação, como na mídia televisiva e jornalística, mas também participa dela. Wilson Gomes (2011) afirma que a internet é uma excelente maneira de ampliar a participação política das pessoas, porém só ocorre se as próprias pessoas que compõem a rede se interessarem por política. Dessa forma, o fato das manifestações de 2013 terem sido convocadas na internet não significa que o meio virtual aumentou as chances de participação política, mas que as pessoas se interessaram por política naquele momento e utilizaram a rede social como ferramenta política.

A participação política no meio virtual pode ocorrer também através da criação de grupos para discutir assuntos aleatórios que podem ser formados e desfeitos a qualquer momento. Tais grupos podem debater questões políticas - tais como direitos sociais, políticas públicas, combate à corrupção e, no caso em tela, transporte público – e quando isso ocorre dá-se o nome de ciberativismo. O ciberativismo surge como forma de ação política “esse tipo de ação política utiliza largamente as ferramentas da Internet, sejam as redes sociais, os blogs, podcasts, fóruns, entre outros para lutar por causas políticas e sociais” (Wives, 2013, p. 20). O objetivo do ciberativismo é:

“criar novos canais de participação para debates de interesses públicos através dos sites, blogs, portais, entre outros meios de participação eletrônica que agreguem diversas pessoas a fim de informar, mobilizar, difundir, expor opiniões e incitar

vontades para promover mudanças no cenário social, implantando ideias no ciberespaço que posteriormente vão ganhar as ruas.” (Brites e Neustadt, 2015, p. 6).

As hashtags são expressões utilizadas na internet que contém palavras-chaves e são precedidas por esse símbolo “#”. Nas manifestações de 2013 as hashtags mais utilizadas foram essas: #acordabrasil, #protestoBR, #vemprarua, #OBrasilacordou, #Ogiganteacordou, #PasseLivre, #nãoéPor20centavosÉPordireitos, #MPL, #CopaPraQuem, #PEC37, #SemViolencia, #Vdevinagre (<<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/protestobr-confira-o-mapa-das-hashtags-das-manifestacoes>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Há páginas no *facebook* que foram criadas com os mesmos nomes das hashtags mais utilizadas durante as manifestações, uma delas é denominada “Acorda Brasil”, segundo seu site oficial do *facebook* ela pretende “Promover o debate de temas e o engajamento dos brasileiros na mudança das estruturas políticas do Brasil”. A partir da publicação feita por eles no dia 18 de junho de 2013 logo abaixo, é possível perceber que seu objetivo é incentivar protestos pelos Brasil devido à corrupção do país – uma ideia bastante disseminada durante as manifestações de 2013:

"Um bom protesto sem vandalismo seria todo o estádio no próximo jogo do Brasil cantar o hino nacional de costas, levantando mensagens escritas como "Esse protesto não é contra a seleção, mas sim contra a nossa corrupção" teria um efeito mundial imediato potente e sem violência. A Copa das Confederações pode render bons e criativos protestos... Vamos aproveitar a mídia INTERNACIONAL." (<<https://www.facebook.com/AcordaBraasil/about/>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Em outra página intitulada “O gigante acordou” também possível encontrar exemplos de ciberativismo e de como a internet pode ser utilizada como forma de debate sobre questões políticas do país. A partir da publicação feita no dia 19 de junho de 2013 é possível visualizar todas as reivindicações das manifestações reunidas em uma única postagem e perceber como as ideologias das mobilizações foram influenciadas pelo meio virtual e vice-versa:

“Só para lembra são 5 para não tirar o foco e a cada 5 conquista teremos mais 5 até o brasil ser um pais de verdade!

- 1- Não a PEC 37.
- 2- Saída imediata de Renan Calheiros da presidência do congresso Nacional.

- 3- Imediata investigação e punição de irregularidades nas obras da copa, pela polícia federal e ministério público federal.
- 4- Queremos lei que torne corrupção no congresso crime hediondos.
- 5- Fim do fórum privilegiado.” (<<https://www.facebook.com/GiganteBR/?fref=ts>>.
Acesso em: 22 fevereiro 2017).

Vale ressaltar que “AcordaBrasil” e “O gigante acordou” foram jargões utilizados durante as manifestações de 2013 que foram surgindo a medida que o movimento se expandia e foi incorporando algumas reivindicações e demandas dos manifestantes que não estavam mais relacionadas apenas com o aumento de 0.20 centavos do transporte público e com o Movimento Passe Livre, pois apresentavam ideologias opostas. Ambas as páginas do facebook estiveram relacionadas ao impeachment da presidente Dilma e são liberais. Como foi evidenciado no capítulo anterior, o integrante do MPL afirmou que o movimento deixou de apoiar as manifestações, pois não concordavam com as pautas conservadoras que foram surgindo durante as mobilizações. Dessa forma, enquanto ferramenta a internet pode servir a diferentes engajamentos, adesões sociais e políticas, ou seja, nisto consiste o ciberativismo.

O e-mail eletrônico pode ser utilizado também para o envio de mensagens a partidos políticos e instituições do Estado e seria um exemplo da utilização da internet como ferramenta política e de participação política das pessoas. Do mesmo modo que as redes sociais *facebook* e *twitter* foram utilizadas nas manifestações de 2013 como forma de ciberativismo, pois houve a mobilização e posicionamento das pessoas a respeito das questões políticas do país naquele momento.

A partir da possibilidade da internet ser utilizada como ferramenta política surge a seguinte indagação: ela aumenta a democracia e a participação política? Há vários especialistas que tentam compreender essa relação, os que acreditam em suas vantagens afirmam que “a informação política em rede está disponível a um acesso mais rápido, mais barato e mais cômodo do que informação política industrial.” (Gomes, 2005, p. 13) Também afirmam que a rede trouxe a comodidade e o conforto, a dispensa do deslocamento espacial para participar de assembleias presenciais e a possibilidade de poder acessar a internet na própria casa ou trabalho (Gomes, 2005, p. 15).

Os otimistas a respeito de tal relação afirmam que os dispositivos da internet bem como os correios eletrônicos podem fornecer “canais perfeitamente adaptados para fluxos de

comunicação em mão dupla entre cidadãos e sociedade política” além da diminuição entre os intermediários do Estado (Gomes, 2005, p. 16).

Outro ponto positivo que os otimistas destacam em relação a possibilidade de diálogo entre as autoridades políticas e o povo que a internet fornece seria a diminuição da passividade das pessoas em relação ao processo político. Pois, tal interação permitiria aos agentes políticos pensarem em suas posições políticas e ajustá-las à disposição do público, contribuindo para “a sensação de efetividade política da esfera civil e para produzir o sentimento de que os agentes devem responder à cidadania pelas suas decisões” (Gomes, 2005, p. 17). Porém, segundo as perspectivas pessimistas apresentadas por Wilson Gomes (2005) em relação ao fomento da democracia e o incentivo a participação política que a internet parecia trazer, o que ocorreu foi que o meio virtual não proporcionou mudanças efetivas na interação do público com as autoridades políticas. Ao longo do capítulo algumas questões serão abordadas que fará o leitor compreender os motivos de tal afirmação dos pessimistas.

Manuel Castells (2013), por sua vez, destaca uma característica do meio virtual que proporcionaria maiores chances de participação no meio. Segundo ele a internet apresenta um papel descentralizador por não possuir um centro de comando definido ou um líder delimitado, essa ausência de hierarquia proporciona maiores chances de participação no meio virtual. Segundo o autor:

“Por serem uma rede de redes, eles podem dar-se ao luxo de não ter um centro identificável, mas ainda assim garantir as funções de coordenação e, também de deliberação, pelo inter-relacionamento de múltiplos núcleos. Desse modo, não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou de controle, nem de uma organização vertical, para passar informações ou instruções. Essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação no movimento, já que é constituído de rede abertas, sem fronteiras definidas, sempre se reconfigurando segundo o nível de envolvimento da população em geral” (Castells, 2013, p.129).

Dessa forma, para o autor a ausência de hierarquia do meio virtual também permite que as informações que rodam na rede não sejam pré estabelecidas e classificadas por nenhum líder, sendo assim a popularidade de seu conteúdo vai depender da preferência de seus próprios usuários. Já nas mídias empresariais há presença de líderes que controlam como,

quando e o que querem transmitir para o telespectador. Desse modo, as informações que circulam na mídia são controladas pelos agentes políticos que compõem esse meio. Com o surgimento da internet, a mídia alternativa e a produção independente de informações ganha espaço e se contrapõem a essa forma controladora de gerar informações.

Uma das pautas das manifestações de 2013 foi referente a esse aspecto “controlador” da mídia. Em um comentário do *facebook* na página do Estadão do dia 14 de agosto de 2013 é evidenciada essa descrença dos manifestantes em relação a uma notícia da revista Veja: “Vai confiar na veja? Fico impressionado com esses partidários que tem a inocência de achar q ou só o PT ou só o PSDB roubam..., São todos farinhas do mesmo saco...”.

No entanto, de acordo com Gustavo Lins Ribeiro (2000) o meio virtual não é tão descentralizador assim, é mais um centro descentralizado que é institucionalizado “passando pela estruturação em rede de diversos centros de computadores e provedores”. Ele afirma que há uma “hierarquia de conexões” a qual é principalmente controlada pelos Estados Unidos, em agências de segurança e em corporações privadas e está diretamente relacionado ao capital do Estado. Dessa forma ele afirma que a internet pode sim influenciar as questões políticas, pois é possível fazer política na realidade virtual. Mas o meio virtual não está isento da “manipulação” de questões econômicas e políticas.

Wilson Gomes (2005) afirma que uma das vantagens atribuídas à internet é oportunidade de dar vozes aos diferentes grupos sociais da sociedade que não costumam ser ouvidos na sociedade. Porém, há vários requisitos que são necessários para acessar a rede, um deles é o fator econômico dos usuários, pois comprar um aparelho eletrônico que forneça o acesso à rede exige possuir determinadas condições financeiras.

De acordo com Gustavo Lins Ribeiro (2000) a igualdade na rede não é tão grande quanto parece, ele menciona que os fatores educacionais e de renda restringem o acesso ao meio virtual. As pessoas brancas e de classe média têm mais facilidade em se conectar a rede, “sua distribuição em termos mundiais é bastante desigual, notadamente em se tratando de continentes como a África” (2000, p. 183). De acordo com Gustavo Lins Ribeiro:

“Fatores mais prosaicos, alguns já mencionados, limitam o acesso a essa ciberdemocracia: o custo dos computadores, dos equipamentos e serviços correlatos; acesso e conhecimento dos códigos da rede; educação; conhecimento da língua

inglesa; o controle do sistema em funcionamento por parte de muitos centros de computação.” (Ribeiro, 2000, p.187).

A utilização da internet não é apenas adquirida por meio de computadores, outros aparelhos eletrônicos, como tablets, notebook, smartTV e celulares tem sido úteis para essa finalidade e sua acessibilidade se ampliou consideravelmente ao longo dos anos 2000. O site do G1 afirma que a inclusão digital foi promovida pelo aparelho celular como aparelho referencial para navegação, segundo matéria intitulada “Internet chega pela 1ª vez a mais de 50% das casas no Brasil, mostra IBGE” a cada cinco casas, quatro usam aparelho celular para se comunicar (G1, 6 de abril de 2016). Mas até mesmo o avanço na tecnologia pode ser um dos fatores que distancia ainda mais as classes inferiores das superiores, segundo Gomes (2005):

“Alguns suspeitam que a estratificação social aumentaria com o incremento das oportunidades digitais, e o fosso que separa os ricos e os pobres em informação e em chances de participação acrescentaria ao patrimônio de uns mais um conjunto de vantagens que a outros não são dadas”. (Gomes, 2005, p.22).

A matéria do G1 do dia 6 de abril fornece os últimos dados do IBGE de 2014 referentes à quantidade de pessoas que acessam a internet no Brasil, segundo os dados: 54,9% de casas estavam conectadas a internet. A matéria afirma que conforme a renda todas as classes estavam acima da média nacional e as residências cujos moradores tinham até um salário estavam abaixo desse patamar.

Para compreender se a internet aumenta a participação política é importante indagar quais tipos de informações são encontradas nesse meio. Segundo Wilson Gomes (2005) é possível encontrar no meio virtual as seguintes informações:

“Antes de tudo, a informação de atualidade aí inserida pelas indústrias da informação que, entretanto, transferiram também para a internet a sua oferta ao mercado de notícias. Esta padece daqueles limites que vêm sendo apontados desde os anos oitenta na literatura sobre democracia e jornalismo. Depois, temos informações produzidas por instituições e organismos da sociedade civil, em geral qualificada, em geral composta por dados e análises de fatos e circunstâncias políticas, séria e consciente, mas naturalmente restrita ao interesse, viés e foco da instituição. Temos ainda informação produzida por agentes do campo político, em geral peças da política

de imagem, intervenções que funcionam como lances na tentativa de imposição e publicidade da imagem pública predominante do grupo político e dos seus adversários” (Gomes, 2005, p. 20).

Ou seja, o meio virtual é formado por informações oriundas de pessoas, de instituições e de indústrias das informações as quais não estão isentas de posicionamentos. Tais informações são permeadas pelos próprios interesses dos organismos que as produzem, não ficando isenta de manipulações e parcialidades. Por isso Gomes (2005) afirma que a qualidade da informação da rede ainda é de baixa para a formação adequada da opinião pública, pois é disforme e desprovida de marcadores de credibilidade (Gomes, 2005, p. 20). Dessa forma, segundo o autor, a comunicação de massa continua sendo a mais predominantemente qualificada objetiva e direta e, ao contrário do que se acreditava a internet não substituiu a comunicação em massa, mas sim serviu de mais um canal de difusão de seus conteúdos.

Também a partir da utilização da rede social como meio de expressar opiniões e compartilhar informações, surge o midialivrismo que é uma forma de mídia alternativa realizada através da internet que busca dar voz a diferentes atores sociais, para que haja maior inclusão e menor controle da informação. Segundo Fabio Malini (2013) tanto o ciberativismo quanto o midialivrismo reivindicam:

“Uma outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes.” (Malini, 2013, p. 22).

O midialivrismo é formado por movimentos sociais realizados na internet que criam suas próprias reivindicações e mobilizações, lutam por diversas causas sociais e produzem diferentes visões e pensamentos que “destoam das visões editadas pelos jornais”. A mídia Ninja, já citada no capítulo 1, foi uma das principais noticiadoras das manifestações de 2013 e pode ser um exemplo de midialivrismo.

A internet surge como uma mídia alternativa capaz de gerar informações diferenciadas da forma tradicional. As informações obtidas virtualmente passam a ser consideradas mais verdadeiras do que a da mídia tradicional, dúvidas quanto à veracidade das notícias da

televisão ou jornal aumentam e a internet passa a ser considerada uma nova forma de alcançar as verdades do mundo. Acredita-se no poder da internet de desmascarar políticos e de desmentir a mídia comum.

Apesar das vantagens que o meio virtual oferece, também é necessário lembrar-se da existência de mentiras e produção de falsas notícias que circulam nesse meio. Como o indivíduo irá distinguir um conteúdo verdadeiro de um falso? Como confiar nas informações que circulam o meio virtual?

Como já foi ressaltado, as informações que percorrem a rede são originadas de diversos lugares e podem ser escritas por qualquer um, colaborando para a circulação de notícias inventadas e que possuem ausência de base empírica. Dessa maneira, a internet pode ser considerada um ambiente que aumenta o engajamento das pessoas com as notícias, mas utilizada de forma manipuladora pode se tornar um ambiente virtual de circulação de rumores, fofocas e mentiras.

Mesmo assim desenvolve-se a crença de que apenas os meios de comunicação informais são confiáveis e que através da internet é possível verificar a veracidade dos fatos. Essa ideia se desenvolve vinculada ao pensamento de que a rede social não está ligada a uma Instituição do Estado e aos políticos, e por isso não existem formas de acabar com a “pureza” da notícia.

Mary Douglas (1991) afirma que a impureza em uma sociedade é tudo que é considerado fora da ordem fundamental de uma sociedade. A contaminação ou contágio ocorre quando um elemento impuro entra em contato com um puro, causando desordem. A autora afirma que os elementos que dão sentido as atribuições dadas ao que é considerado impuro na sociedade são categorizados através de classificações que são selecionadas de acordo com o sistema simbólico atualizado em cada contexto social.

A impureza é a definição do que é repellido ou que causa contaminação na sociedade, dessa forma, há restrições ao entrar em contato com algo considerado impuro e as proibições servem para afastar a contaminação com as impurezas. A reação dos manifestantes ao ver a mais influente mídia televisiva – a globo – tentar coletar informações nas mobilizações foi de extrema hostilidade, demonstrando que essa mídia iria contagiar as manifestações, ou seja, a mídia televisiva considerada “mentirosa” pelos manifestantes iria corromper ou “contaminar” as manifestações.

A aversão dos manifestantes a partidos políticos nas mobilizações é outro fator que pode ser considerado uma forma de “contaminação”. Os políticos foram vistos como corruptos pelos manifestantes e por isso eram considerados um elemento “impuro” e “perigoso” na sociedade. Já a produção e circulação de informações na internet representava o elemento puro, pois através da internet seria possível debater sobre assuntos variados que contém graus de independência em relação às mídias empresariais e partidos políticos.

Os movimentos sociais que se organizam em redes proporcionam sentimento de autonomia nas pessoas, ou seja, ao fazerem reivindicações através da internet e exporem suas ideias a respeito do governo, da saúde, educação e transporte as pessoas se sentiram participativas nas questões do Estado. Perceber que as convocações realizadas pela internet tiveram efeito nas ruas em 2013, ou seja, milhares atenderam ao chamado por mobilização, propiciou sentimentos de poder entre os manifestantes. A foto abaixo, retirada do Correio Braziliense do dia 26 de junho de 2013, intitulada “Confira como foi o dia de manifestações em Brasília” expressa como os manifestantes se sentiram empoderados, ao recuperarem uma máxima do surgimento das democracias modernas:



A credibilidade das informações circuladas no meio virtual pode ser também duvidada pela possibilidade dos usuários ocultarem seus perfis enquanto utilizam a rede e desse modo a interação pode ocorrer de forma anônima. Poder se expressar atrás de uma tela do

computador, sem a interação face a face e de forma anônima pode ser um fator encorajador para as pessoas se posicionarem na rede. Uma forma de evidenciar o anonimato que ocorreu durante as manifestações de 2013 é a presença do grupo *Anonnymous*, este grupo tem como objetivo desmascarar os políticos, as mídias ou qualquer Instituição de poder e se articulam através da invasão de dados da internet de Instituições ou pessoas públicas. Em seu site oficial afirmam que ao preservar o anonimato podem agir contra a corrupção com mais eficácia e sem perseguição. A luta contra a corrupção foi uma das principais reivindicações de 2013, pode-se dizer que esse grupo teve bastante influência nas ideologias das manifestações.

Porém, poder ter a completa liberdade de uso e ter a possibilidade de se expressar de forma anônima pode incentivar a construção de discursos de ódio, bem como: racistas, preconceituosos e extremamente conservadores. Segundo Gomes (2005) acreditar que quanto maior liberdade o indivíduo possui mais democrática é a sociedade é um erro: “a equação segundo a qual a liberdade sempre está do lado da democracia e o controle do lado da tirania é só um artifício retórico do liberalismo na sua forma mais extremada” (Gomes, 2005, p. 26).

O *facebook* é um site de relacionamento que também teve grande influência nas mobilizações de 2013, pois foi a principal ferramenta utilizada para convocação de manifestantes. No *facebook* é possível criar eventos com temas variados e convidar amigos para comparecer aos eventos. Há também a possibilidade de postar informações no seu perfil do *facebook* que podem ser curtidas ou compartilhadas por seus amigos.

Devido à grande influência que esse site teve durante as manifestações de 2013 foi realizada uma pesquisa - na rede social do *facebook* - nas páginas dos jornais mais influentes e acessados do Brasil: “Folha de São Paulo” e “Estadão” e ainda o “correiobraziliense” jornal de Brasília, durante todo o ano de 2013 a fim de compreender como as manifestações foram interpretadas pelos usuários.

Poder realizar comentários no site do *facebook* proporciona maior participação e envolvimento do leitor com as notícias postadas nas páginas, é uma maneira de poder expressar opiniões, seja discordando ou concordando com o que foi postado. Dessa forma, as pessoas utilizaram os comentários e curtidas do *facebook* durante as manifestações de 2013 como ferramenta política, pois se posicionaram a respeito do governo, da educação, da saúde, do transporte público, enfim, se engajaram com as questões políticas.

Canclini (2008) menciona que devido ao múltiplo contexto de informações em que o leitor está inserido na internet é necessária uma seleção das que mais lhe interessam. Feita essa seleção, o leitor terá permissão de ler, comentar, compartilhar e curtir as matérias das páginas do *facebook* que ele escolheu. A partir de um perfil do *facebook* é possível então, conhecer os gostos e preferências de uma pessoa. Ou seja, ao decidir fazer parte de uma determinada página e não de outra, a pessoa está se posicionando e escolhendo um meio de se representar e ser representada.

Se posicionar em relação às manifestações de 2013 é uma forma de se vincular a um lado da sociedade, é uma forma de adesão social; e muito se falou nas redes sociais sobre o processo de ruptura de relações no *facebook* na medida em que o processo político de polarização entre os partidários e os contrários ao afastamento da presidente da república - que se intensificou após as eleições de 2014. Pertencer a um lado ou outro nesse processo pareceu tornar-se central. Tal compreensão teve como inspiração as reflexões desenvolvidas pela antropologia da política. Vejamos.

Moacir Palmeira (1992) analisa o poder de adesão do ato de votar, para ele o voto expressa adesão porque o que está em jogo não é escolher racionalmente representantes, mas se situar de um lado da sociedade. De acordo com ele, essa necessidade de se colocar de um lado da sociedade é percebida quando as pessoas utilizam bótons e camisas de determinado partido ou candidato, mesmo o voto sendo considerado secreto. Nas manifestações de 2013 os manifestantes também utilizaram símbolos para demonstrar de que lado estavam – a favor ou contra as manifestações – além disso, utilizaram as redes sociais – facebook e twitter – para demonstrar suas preferências.

Segundo Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1992) a prática de votar implica em se declarar parte de um grupo social. Assim, as escolhas de voto são influenciadas pelos grupos que os indivíduos fazem parte. O voto é uma maneira de corresponder às promessas e valores de tais grupos, de ser leal aos acordos e aos valores compartilhados, de se distanciar de outros grupos e, por vezes, de apoiar a facção que se avalia tenha mais representatividade. A atitude de votar envolve a decisão de pertencer a um grupo na sociedade, a escolha de um partido em detrimento a outro direciona o indivíduo a pertencer a um grupo que compõe a sociedade.

Todo esse processo eleitoral ocorre no tempo da política, ou seja, o período em que os candidatos estão concorrendo e buscando conquistar adesões que lhes façam vencedores

(Palmeira; Heredia, 1992). Nesse período, partidos distintos se elegem e as pessoas decidem a qual lado aderir. As manifestações 2013 não ocorreram em período eleitoral, significa que o tempo da política nesse contexto se estendeu para além do tempo do voto.⁶ O “gigante acordou” foi um jargão que muitas pessoas utilizaram nas manifestações de 2013 e quer indicar que as pessoas se engajaram nas questões políticas do país além do tempo da política, como se apenas o voto não tivesse sido suficiente para as pessoas “acordarem”, ou dito de outra forma, para se inserirem socialmente num país dividido pelo processo eleitoral em curso e que tampouco se recompôs após as eleições.

Se por um lado há a necessidade e desejo das pessoas em aderir a uma facção ou a um lado da sociedade; por outro, “boa parcela da arte do político consistirá em conseguir adesões através de compromissos criados por sua própria ação na época da política” (Palmeiras 1992, p. 23). O mesmo ocorre com os movimentos sociais que através de suas pautas pretendem englobar várias pessoas com propósito de conquista-las.

Desse modo, ao analisar comentários no *facebook* é possível compreender os posicionamentos em disputa e quais receberam mais curtidas e apoio das pessoas e quais foram mais reprovados. O *facebook*, então, se torna uma ferramenta de compreensão dos posicionamentos dos manifestantes de 2013 e a que lado da sociedade os indivíduos se vincularam e se sentiram mais representados.

Como já foi dito, foram analisados o *facebook* de dois jornais no Brasil - *Estadão* e *Folha de São Paulo* - e do *correiobraziliense* jornal de Brasília. Na pesquisa houve a seleção de notícias que tinham relação com as manifestações de 2013 e/ou com o governo. A partir de uma notícia publicada é possível curti-la, compartilhá-la e comentá-la, ainda é possível curtir e comentar os comentários dos comentários. Desse modo, propus analisar os comentários mais curtidos e mais comentados de modo que pudesse compreender quais obtiveram maior adesão.

No site do da *Folha de São Paulo* a publicação mais curtida ao longo do ano de 2013, de acordo com os critérios selecionados, foi a seguinte: “Secretário determina investigação imediata da ação da PM em protestos em SP” e recebeu 3.446 curtidas e 1.736

⁶ A compreensão do processo que configurou a extensão do tempo da política antes e depois do processo eleitoral consiste em outro trabalho que não pode ser desenvolvido nessa dissertação.

compartilhamentos. Tal notícia fala sobre o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, que afirmou que os policiais agiram nas mobilizações para garantir ordem e segurança da população, mas seus atos de abuso deveriam ser apurados. O comentário mais curtido referente a essa notícia foi “A PM está a mando do Estado, podiam investigar o Governo também”, recebeu 500 curtidas. Demonstrando que as pautas reivindicadas nas manifestações de 2013, apesar de começar contra o aumento da passagem de ônibus, significaram também um descontentamento com o governo. Ao verificar a quantidade de curtidas das matérias do *facebook* é possível descobrir quais as notícias que chamaram mais atenção dos manifestantes.

A segunda publicação mais curtida ocorreu no dia 18 de junho de 2013, o título da publicação é o seguinte: “Dilma encontrará com Lula em SP para discutir protestos pelo país”, teve 1523 curtidas e 2.038 compartilhamentos. Dentre os comentários postados o mais curtido dizia “O que esse porco tem a ver com isso tudo no momento...o tempo dessa besta já foi”, teve 527 curtidas e 36 respostas. Dentre as respostas feitas ao comentário a seguinte resposta demonstrou a indignação com a corrupção “Querem continuar lá no Planalto, para ficarem mais ricos as nossas custas” e houve outras que demonstraram a insatisfação em relação a união entre Dilma e Lula: “Chega de Lula... para que se encontrar com esse cara? Vai trabalhar por si só mulher”.

No dia 22 de junho de 2013 houve a terceira publicação mais curtida na página do *facebook* da Folha de São Paulo, intitulada “Polícia encontra suspeitos de depredar Itamaraty durante manifestação”, obteve 1.118 curtidas e 302 compartilhamentos. Os comentários de tal publicação ora se posicionavam a favor da prisão dos manifestantes, ora afirmavam que os políticos é que deveriam ser presos: “Encontraram os políticos também?”, “Verdade, Cadeia nos políticos”, em oposição: “Cadeia em quem depredou isso sim. Não se façam de burros”.

No *facebook* do jornal do Estadão a publicação que obteve mais curtida é intitulada “Protesto da abertura da Copa das Confederações acaba com 25 presos em Brasília. PM usou bombas contra manifestantes, que reivindicavam investimentos em educação e saúde no mesmo montante dos gastos com o campeonato no Brasil”, teve 6.969 curtidas e 4.517 compartilhamentos. Nos comentários é possível visualizar a indignação das pessoas com a repressão sofrida pelos manifestantes, bem como: “ABAIXO À OPRESSÃO!” que teve 251 curtidas e 8 respostas. Dentre as respostas comentam: “Abaixo a Ditadura” e “O brasileiro está no limite, roubando, sem hospitais, sem escolas, sem transporte, sem segurança, sem

nada e o governo gasta 7 BILHÕES em estádios, muitos ainda inacabados.” O segundo comentário mais curtido dizia: “Fora os atropelados” com 201 curtidas, esse último comentário se refere aos manifestantes que foram atropelados por motociclista que não estavam envolvidos com os protestos. Dentre as respostas dadas ao comentário dizia: “Só podem manifestar pedindo 0,20 centavos com a bandeira do PSOL”, tal comentário demonstra que as manifestações não estavam mais relacionadas apenas ao aumento do transporte público e com o Movimento Passe Livre. A crítica ao PSOL – partido de esquerda – mostra que apesar da proposta de ausência de partidos políticos nos protestos, os manifestantes não deixaram de se posicionar a respeito deles, por isso tal ausência demonstrou muito mais uma presença.

Outras duas matérias obtiveram grande números de curtidas na página do Estadão, mencionavam a presença de políticos nas manifestações e a maioria dos comentários se posicionava contra a intromissão do Partido dos Trabalhadores, PSDB e PTB nas mobilizações. Um dos comentários afirmava “Se tem petista no meio, algo há de errado” teve 88 curtidas e 38 respostas. Dentre as respostas, a mais curtida discordava de tal afirmação e dizia “Errado é você ficar reclamando de quem está lá. Saia do sofá e vai pra rua também. Seja petista ou não” e teve 34 curtidas, apesar da discussão relacionada a partidos políticos esse último comentário demonstra que o que era considerado relevante naquele momento – para os manifestantes – era se manifestar nas ruas independentemente do partido político.

Já na página do correiobraziliense a notícia mais curtida mencionava o futebol: “Bom dia! Vivemos ontem mais um dia de contradições à moda brasileira: festa no futebol, intensa atividade no Legislativo e novos confrontos nas ruas”. A matéria se refere a “Era dos extremos”, ou seja, sobre a ocorrência de mobilizações de rua e futebol ao mesmo tempo, teve 215 curtidas. O comentário mais curtido mencionava que “O único extremo que o brasileiro assistiu foi o Congresso Nacional finalmente trabalhar.” e o segundo dizia “Midia manipuladora do caralho... Coloca uma foto aí dos policiais mandando as viaturas em cima dos manifestantes!!!” . Percebe-se que através dos comentários do *facebook* é possível até mesmo criticar a própria notícia que foi postada.

No dia 20 de junho de 2013 a publicação intitulada “O anúncio da redução nas tarifas de transporte público em nada mudou o ânimo dos manifestantes. O dia deve ser das multidões”, obteve 185 curtidas e 90 compartilhamentos. Através dos comentários dessa publicação foi possível perceber a variedade de pautas que foram reivindicadas pelos

manifestantes, um comentário dizia que só iria terminar as manifestações com o fim da PEC 37, outro dizia que os 0,20 centavos foi apenas a faísca para que todos acordassem contra a corrupção do país.

A autora Maria Leonor de Castro (2015) verificou as publicações mais curtidas - durante o ano de 2013 - no *facebook* do Movimento Passe Livre. Segundo ela, a mais curtida foi no dia 6 de junho de 2013 e obteve 416 curtidas, a publicação é uma foto de uma pessoa utilizando máscara de gás. A autora mensura a quantidade de curtidas e compartilhamentos que a página do MPL teve durante o mês de junho de 2013 e constata que houve o aumento do envolvimento das pessoas com o *facebook* do MPL. Dessa forma, é possível perceber o aumento da quantidade de curtidas entre a publicação do dia 6 de junho de 2013 – 416 - e a publicação do dia 17 de junho que obteve 16.652. Devido ao aumento de curtidas percebe-se que a página do MPL foi bastante acessada durante os protestos e o crescente fortalecimento das manifestações.

Pode-se concluir que a internet pode ser utilizada como ferramenta política por seus usuários através do ciberativismo, mas tudo depende dos interesses que estão em jogo. As mobilizações de rua em 2013 - convocadas através na internet - demonstraram que o interesse pelas questões políticas do Estado estava grande durante aquele momento.

Os protestos de 2013 se diferenciaram pela utilização do ciberativismo e midiativismo que surgiram como formas de realizar posicionamentos e mobilizações através da internet e é uma forma diferenciada de mobilizar e realizar política no país, pois os usuários tiveram a oportunidade de construir discursos políticos nas redes sociais da internet através de convocações para mobilizações e reivindicações e, também puderam participar das notícias que circulavam nesse meio.

Apesar da crença fortemente desenvolvida nas manifestações de 2013 a qual acreditava que a internet seria um meio capaz de alcançar as verdades do mundo, percebe-se que tal meio é também permeado por informações que não estão livres de manipulações e de posicionamentos. Ainda é possível notar os vários déficits que não fizeram do meio virtual tão democrático quanto acreditavam que este seria com suas hierarquias internas e inserção nas relações de poder abrangentes. Mas, principalmente, a veiculação de informações na internet reafirma a construção social do conhecimento sobre o mundo, um conhecimento que é sempre

orientado pela inserção e pela perspectiva daqueles (indivíduos e coletividades) que o produzem.

6 Capítulo 3: Movimento Passe Livre, Espontaneidade e Símbolos

6.1 História do Movimento Passe Livre

O Movimento Passe Livre foi o principal articulador das manifestações de 2013. É preciso, portando, entender como esse movimento se organiza e como surgiu. Segundo Paíque Duques Lima (2015) o movimento foi impulsionado pelo encontro dos grupos anônimos do Distrito Federal que se reuniam para discutir sobre a qualidade do transporte público da cidade.

“O objetivo do encontro era mapear política independente do DF – não partidária e não relacionadas as ONGs – e também unir pessoas que, apesar de interessadas em um tipo de política diferente, ainda não saibam se organizar. No encontro, se discutiram alguns pontos de atuação do DF.” (Mendes apud Lima, 2015, p. 126)

Lima (2015), que é membro do Movimento Passe Livre, afirma que o movimento não é recente, pois ele se iniciou em 2004 com a Revolta do Buzu que pretendia derrubar o aumento das tarifas de ônibus em Salvador. Nessa Revolta pessoas ocuparam as principais vias das cidades contra o aumento da passagem de ônibus de 1,30 para 1,50.

A segunda Revolta comandada pelo MPL ocorreu em Florianópolis, Santa Catarina, em junho de 2004 e teve duração de duas semanas. Milhares de pessoas se reuniram a fim de conseguir a redução da tarifa de transporte e foi a primeira conquista do movimento. Mas o transporte público piorou com a mudança de prefeito na cidade e ocorreram mais revoltas na cidade no ano de 2005, são as chamadas Revolta da Catraca.

Ortellado (2013), por sua vez, destaca que em 2005 ocorreu o primeiro encontro nacional dos membros do MPL localizados em distintas cidades do Brasil a fim de articular suas lutas. O encontro foi marcado pela presença das seguintes cidades: Belém, Curitiba, Rio de Janeiro, Campinas, Sorocaba, Itu e São Paulo. Além da diversidade regional, Ortellado observa que o movimento é composto por pessoas com ideologias distintas que vão da extrema esquerda até outros grupos independentes (2013, p. 11).

No dia 26 de outubro de 2005 ocorre outra vitória do MPL com a aprovação da lei do passe livre na cidade de Florianópolis. Em maio de 2009 é a vez de Brasília aderir ao passe livre para os estudantes.

Em 2005 ocorreu a fundação do Movimento Passe Livre na cidade de Porto Alegre no dia 29 de janeiro. Outros dois encontros nacionais ocorreram nesse ano, o primeiro em Campinas e o segundo em Mato Grosso do Sul (Ortellado, 2013, p.12). A partir de então, o movimento foi ganhando mais adeptos e se espalhando para o país, segundo o autor quase todas as cidades do país assistem na última década manifestações relacionadas ao transporte público (Ortellado, 2013, p. 14).

A organização do Movimento Passe Livre acontece através de reuniões e manifestações nas ruas que são marcadas por ocupação e invasões de prédios e fechamento de ruas. Lima (2015, p. 127) afirma que apesar da pauta principal do movimento ser a questão do transporte público, o interesse por outras pautas que não tinham envolvimento com o transporte público foi incorporado ao movimento, bem como: lutas raciais, de gênero, de orientação sexual, de liberação animal, contracultural, pela mídia independente e sobre a propriedade privada.

O objetivo do MPL é o passe livre, ou seja, passagens de graça para que todos tenham acesso à cidade que é uma das pautas colocadas pelo movimento, ou seja, o Direito a Cidade. A desigualdade é presente nas cidades brasileiras e é necessário o deslocamento diário das pessoas que residem nas periferias ao centro da cidade a fim de trabalhar e estudar. Desse modo, há um gasto elevado com transporte público diário que, segundo os princípios do MPL, deve ser gratuito. Além disso, argumentam que o aumento da descriminalização é considerável se não há circulação das pessoas que habitam as margens no centro da cidade.

Segundo Ortellado (2013) a lógica da mobilidade urbana do Brasil se baseia em regime de concessão com objetivo de assegurar o equilíbrio econômico-financeiro baseado em tarifas e que permite lucros enormes de empresários privados (2013, p.16). Tais opções políticas também descartariam a oportunidade de fazer reparação nas disputas dos espaços da cidade e a lógica das cidades é baseada em indústrias automobilísticas gerando maiores engarrafamentos e mortes em acidentes de trânsito. Desse modo, a ideia do Movimento é tornar o transporte público responsabilidade do Estado e não mais de empresas privadas que visam o lucro.

Lima (2015) observa que o MPL se baseia na atuação de ação direta, para ele:

“A metodologia de movimentação dessa geração é realizada tendo como primeira forma de reação aos problemas da cidade a manifestação da rua, sendo que só posteriormente segue um processo de enfrentamento, diálogo ou interlocução com as instituições” (p.141).

O autor ainda menciona que o movimento está interessado em acabar com as hierarquias internas e desenvolver relações igualitárias entre seus membros. Adriana Coelho (2010), por sua vez, afirma que o MPL se caracteriza pelos seguintes princípios: “autonomia, independência, apartidarismo e horizontalidade, apresentando um variado estoque de ações diretas” (Coelho, 2010, p.68). Dentre as ações diretas utilizadas por eles, destaca a marcha utilizada sem autorização do governo, fechamento de vias, paralisação do trânsito, atos públicos na rodoviária que envolve *performance* com batuques e músicas e ocupação de instituições vinculadas ao transporte público.

Um dos princípios do Movimento Passe Livre é sua não hierarquização dos militantes do próprio movimento, segundo Coelho (2010) essa característica se manifesta nas assembleias, onde todos os membros têm a mesma oportunidade de se expressar para por fim a qualquer tipo de hierarquia. Contudo, essa utopia parece ser de difícil realização e alguns acabam falando mais do que outros. O MPL também adota o princípio do consenso, da horizontalidade e não liderança, os ativistas desenvolvem uma forma diferenciada de se manifestar em assembleias procurando falar e não discursar e ouvir o que o outro tem a dizer.

O Movimento Passe Livre se considera também anticapitalista. Segundo Ellen Meinski Wood (2006) os movimentos anticapitalistas lutam por: “justiça social, paz, democracia e um meio ambiente sustentável, mas tem menos claro contra o quê, especificamente, precisa lutar para alcançar esses objetivos” (Wood, 2006, p. 37). No caso do Movimento Passe Livre uma das formas de luta contra a busca constante por lucros do sistema capitalista seria a transferência dos custos com transporte público para o serviço do Estado a fim de gerar maior inclusão social.

Por fim, gostaria de destacar que Ortellado (2013) afirma que o MPL já vinha se organizando em São Paulo desde 2011 a fim de bloquear uma das avenidas da cidade devido ao aumento das passagens. Porém em 2013 as manifestações teriam sido impulsionadas por causa do aumento de 20 centavos da passagem de ônibus, que custavam 3,00 e passaram a

custar 3,20. O MPL foi então às ruas fazer uma mobilização popular para demonstrar sua indignação contra tal aumento. Ortellado menciona que “a estratégia para 2013 era a de realizar atos grandes e de maior impacto em vias mais centrais e com curto intervalo de tempo entre eles, de maneira a asfixiar o poder público” (Ortellado, 2013, p. 26). Desta perspectiva, embora o MPL seja um movimento descentralizado se compararmos com as organizações partidárias e sindicais, não deixa de haver orientações e estratégias articuladas por grupos que trabalham no sentido de buscar adesões ampliadas – num processo que guarda afinidade com os processos eleitorais abordados anteriormente e que, pode-se dizer, seria uma forma de ação central na vida política. Contudo tal visão do MPL e das manifestações não foi a predominante, mas sim a de sua “espontaneidade”.

6.2 Espontaneidade

As manifestações de 2013 foram consideradas por especialistas como manifestações espontâneas. A espontaneidade foi atribuída às manifestações devido à utilização da internet para convocar mobilizações de rua, para expressar opiniões e reivindicar direitos. A utilização da ação direta nas ruas, sem intermédio de partidos políticos e sindicatos e qualquer autoridade política do Estado, foi ressaltada como indicadora de ação “espontânea”.

Contudo, as categorias sociais são construídas ao longo de um determinado tempo e dentro de um contexto social, a espontaneidade não fica fora dessa lógica, pois também é uma categoria construída socialmente. De acordo com o *dicionariodoaurelio.com* “espontâneo” seria ser “não aconselhado e nem forçado, feito ou dito de livre vontade, que se realiza por si só e sem causa aparente e que não é provocado” (<<https://dicionariodoaurelio.com/busca.php?q=espont%C3%A2neo>> Acessado em: 01 fevereiro 2017). Porém até mesmo o que é considerado “livre” em uma sociedade é formulado de acordo com determinada cultura e contexto. Desse modo, será mesmo que é possível existir espontaneidade?

Marcel Mauss (1981) faz uma análise dos sentimentos nas denominadas sociedades primitivas, sobretudo Polinésia e Austrália. O autor analisa as lágrimas nos rituais funerários australianos para compreender como é construída tal emoção. Segundo o autor

“não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente não, fenômenos psicológicos e fisiológicos, mas

fenômenos sociais marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade e da obrigação mais perfeita” (Mauss, 1981, p. 325).

Os rituais funerários que ocorrem entre as tribos do Rio Tully na Austrália são executados pelas pessoas presentes nos velórios. Durante o ritual as pessoas cantam, gritam e choram a fim de afastar o “espírito mau” que causou a morte do defunto. Segundo Mauss (1981) nesse ritual expressam os sentimentos e ideias coletivas de um grupo que são compartilhadas e fazem sentido dentro do contexto em que está inserido. O autor afirma que nos rituais os participantes se querem expressar adequadamente os seus sentimentos devem fazê-lo de acordo com o que é esperado pelo grupo, ou seja, seriam encenações, mas que em nada excluem a sinceridade dos indivíduos. Segundo o autor “Todas estas expressões coletivas (...) são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem” (Mauss, 1981, p. 332).

Sob a inspiração de tal análise dos rituais funerários, compreendemos as manifestações de 2013 como um tipo de ação política prescrita por uma coletividade que com novos instrumentos (a internet), valores (espontaneidade, igualdade, descentralização etc.) e símbolos (como veremos mais adiante) buscaram comunicar suas insatisfações à sociedade abrangente.

Considerando a relação entre indivíduo e sociedade sob outra perspectiva, para Erving Goffman (2002) as representações sociais são marcadas por dramatização, ou seja, se assemelham ao teatro, pois os atores sociais estão sempre representando e interpretando papéis. Nas interações sociais, portanto, é possível ocorrer a manipulação da imagem que é transmitida, pois o indivíduo pode estudar as técnicas que um determinado papel social exige e assim, lançar estratégias para alcançá-las. Ou seja, os indivíduos podem manipular sua imagem de acordo com seus interesses, sendo assim, no movimento em tela, um ato que se espera seja considerado espontâneo pode ser manipulado para que pareça desse modo.

Goffman (2011) afirma que na interação face a face o indivíduo tende a formular padrões de comportamentos e expressões que são aceitos pelos outros indivíduos, ele denomina tais padrões de “linha”. E denomina de “fachada” tais comportamentos que com o tempo se tornam regras sociais e são seguidos pela sociedade. As fachadas seriam expectativas costumeiras que se desenvolvem a partir das interações sociais e, desse modo, criam uma “imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

Na interação social os indivíduos se preocupam com o desempenho da “fachada” a fim de evitar constrangimentos e reprovação social. Desse modo, de acordo com Goffman (2011), a interação social se torna um compromisso a ser cumprido, no qual o próprio indivíduo se sente preocupado na execução de sua fachada e se compromete com a fachada das outras pessoas.

As fachadas sociais são estabelecidas de acordo com cada contexto social, por isso o autor afirma que o indivíduo fica limitado às possibilidades oferecidas pelo contexto em que vive, já que manter uma fachada social é uma condição da interação. Estar fora da “fachada” pode acarretar em inabilidade social e em constrangimento tanto do indivíduo quanto das pessoas envolvidas na interação.

As pessoas mantêm as fachadas sociais por distintos motivos, entre eles existe a preocupação com a autoimagem e com o dever social. Dessa forma, há uma “aceitação mútua” na qual o indivíduo estabelece sua fachada social e aceita as dos outros a fim de condicionar a interação social.

Ser espontâneo numa sociedade que exige regras de comportamento dos indivíduos significa ser espontâneo dentro dos padrões aceitos por ela. As fachadas condicionam os indivíduos a viverem em papéis sociais que são compartilhados por todos que vivem em sociedade. A preocupação excessiva em ter sucesso nas “fachadas” sociais pode fazer com que o indivíduo encarne esses papéis e não se reconheça mais.

A espontaneidade foi atribuída às manifestações de 2013 devido ao modo de mobilização que utilizava a ação direta. A ação direta é vista como espontânea, pois é uma forma de ação imediata e sem a necessidade de diálogo com intermediadores do Estado, bem como autoridades e instituições. Apenas a decisão de fazer parte de uma ação direta que a torna real. Assim, não se conduzir de acordo com os valores e as formas de organização política das manifestações de 2013 além de gerar constrangimento (tanto para o manifestante quanto para as manifestações como um tipo de fazer política), poderia levar à transformação das próprias manifestações.

Retomando, espontaneidade também pode ser sinônimo de natural ou naturalidade. Porém Peter Becker (2003) diz que “embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo” (Becker, 2003, p. 72). Ou seja, a natureza

dos indivíduos é construída socialmente, faz parte do contexto em que estão inseridos por isso não cabe dizer que algo é natural.

A própria noção de cultura considera que nada é natural, e sim um processo de construção social que se modifica de acordo com os valores compartilhados por cada sociedade e as relações sociais que os produzem e atualizam. Franz Boas (2005) afirma que “as atividades do indivíduo são determinadas em grande medida por seu ambiente social: por sua vez, suas próprias atividades influenciam a sociedade em que ele vive, podendo nela gerar alterações de forma” (Boas, 2005, p. 47).

Becker (2003) ainda afirma que a variedade e relatividade das configurações humanas indicam que elas são produtos de “formações sócio-culturais próprias do homem e não de uma natureza humana biologicamente fixa.” (2003, p. 73). Dessa forma, uma mesma cultura possui formas distintas de compreender um determinado fenômeno. Se manifestar pode ser um ato realizado de diversas formas, ir às ruas e utilizar a ação direta é apenas uma dentre as várias formas, por isso faz parte de uma produção sócio-cultural.

O fato das manifestações serem caracterizadas de espontâneas ocorreu devido à utilização de respostas diretas dos manifestantes em relação aos problemas sociais relacionados ao transporte, saúde, segurança e educação. A escolha pelo método da ação direta, a pluralidade de demandas e denúncias políticas e ausência de autoridades políticas, partidos e sindicatos demonstrou a perda do reconhecimento dessas Instituições na sociedade. Enfim, todos esses fatores fizeram as manifestações serem consideradas “espontâneas” e sob esse signo foram em determinado momento positivamente construídas por diferentes atores (imprensa, especialistas, políticos etc.).

6.3 Novos Movimentos Sociais

Maria da Glória Gohn (1997) analisa os Movimentos Sociais dos anos 60, a autora foca em dois autores que abordam tais movimentos, o autor Alberto Melucci que tem a característica de abordagem psicossocial e Alain Touraine que é acionalista.

Maria da Glória Gohn (1997) afirma que Melucci indica três aspectos que compõem o significado de movimento social, o primeiro é de se basear na solidariedade, o segundo é desenvolver o conflito e o terceiro romper os limites do sistema em que ocorre a ação. A solidariedade é responsável por unir indivíduos em uma causa comum, o conflito são os

valores pelos quais os atores lutam, por último romper os limites significa ir além dos limites do sistema que são aceitáveis na estrutura (Gohn apud Melucci, 1997, p. 57).

Já para Touraine os movimentos sociais são frutos de uma vontade coletiva e é uma combinação de classes, nação e modernização. Os movimentos sociais para ele são sempre a expressão de um conflito de classes e são ao mesmo tempo movimentos anticapitalistas, opostos a dominação estrangeira e voltados para modernização nacional (Gohn apud Touraine, 1997, p. 144).

A autora afirma que nos anos 80 surgem Novos Movimentos Sociais que são formados por atores sociais que lutam por igualdades, ausência de qualquer forma de discriminação que dificulte o acesso aos bens da modernidade e são não-hierarquizados (Gohn, 1997, p. 122). A forma que utilizam para alcançar seus interesses é através da ação direta, por meio de protestos e da mídia eles se articulam para reivindicar seus direitos, eles não se interessam por associação com sindicatos ou com qualquer agentes da política, pois preferem a ação direta.

Segundo a autora, os Novos Movimentos Sociais são considerados novos não por serem recentes, mas pelo fato de os atores sociais modificarem a maneira de se articularem, se basearem em identidades coletivas distintas das de classe, formarem grupos que se unem para se auto afirmarem e reivindicarem seus direitos diferenciados. Os Novos Movimentos Sociais funcionam independentes de partidos políticos, “recusam a política de cooperação entre as agências estatais e os sindicatos e estão mais preocupados em assegurar direitos sociais.” (Gohn, 1997, p. 125).

As reivindicações de direitos sociais nos Novos Movimentos Sociais não se definem, assim, pela reivindicações tradicionais dos movimentos da classe operaria e pela luta de classe e inserção no sistema de produção que marcou a organização dos antigos movimentos sociais. Pode-se dizer que há uma transição entre a forma tradicional de movimentos sociais e os novos movimentos sociais baseados na autonomia e identidade.

Maria da Glória Gohn (1997) afirma que ocorre o surgimento dos Novos Movimentos Sociais devido às mudanças no sistema capitalista, na sociedade complexa os movimentos passam a se desenvolver em outros âmbitos que não o simples controle da força de trabalho e conversão de recursos naturais.

A autora se propõe a definir e compreender como funcionam os Novos Movimentos sociais e no que se baseiam. Segundo ela, os Novos Movimentos Sociais estão preocupados em assegurar os direitos sociais e em pôr fim a qualquer forma de discriminação que dificulte o acesso aos bens da modernidade. Surgem através da valorização da participação dos indivíduos nas questões políticas da sociedade e se articulam através da formação de uma identidade coletiva.

Ao participarem de um movimento social as pessoas estão por um lado, sendo representadas pelo movimento e por outro, representando-o. Ao adotar as ideais e ideologias do movimento elas estão selecionando e escolhendo uma forma de representatividade que compõe sua identidade social naquele contexto. Outra maneira de se posicionar e se representar na sociedade seriam através de objetos simbólicos os quais serão discutidos e analisados a seguir.

6.4 Símbolos utilizados nas manifestações

Os símbolos que serão analisados não são referentes ao primeiro momento das manifestações, quando estas eram organizadas pelo Movimento Passe Livre e lutavam apenas contra o aumento da passagem de transportes públicos. Mas sim, uma análise de símbolos utilizados num segundo momento dos protestos, impulsionado pela ampliação de pautas e pela incorporação de novas ideologias, consideradas pelo MPL conservadoras, bem como: a redução da maioria penal. O segundo momento ocorreu quando a tarifa do transporte público foi revogada, no dia 19 de junho, e com a afirmação do MPL no dia 21 de junho que não faria mais parte das mobilizações. Nesse período as manifestações estavam passando por um momento transitório entre a pauta inicial da redução do transporte e as surgidas depois. A foto abaixo foi tirada do site G1 e mostra as manifestações pelo Brasil do dia 20 de junho de 2013. A imagem mostra os manifestantes protestando nas ruas, estavam utilizando cartazes para transmitir suas reivindicações e se expressarem, grande parte deles continha frases advindas da internet, demonstrando a influência que o meio virtual teve em todo o processo. A bandeira do Brasil também foi utilizada pelos manifestantes e na foto abaixo é possível visualizá-las.



A bandeira e a camisa do Brasil foram símbolos utilizados durante os protestos de 2013, é interessante pensar por que tais símbolos foram escolhidos pelos manifestantes. Primeiramente é necessário entender o que são os símbolos na sociedade; de acordo com Clifford Geertz símbolos são padrões de significados que compõem a teia da cultura. Os símbolos são responsáveis por criar uma ordem e para “sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos e a sua visão de mundo” (Geertz, 1989, p.66). Segundo Geertz:

“O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedras ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente, e também é um símbolo a tela “Guernica” ou o pedaço de pedra pintada chamada “churinga”, a palavra “realidade” ou até mesmo o fonema “ing”. Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças.” (Geertz, 1989, p.68).

A camisa do Brasil é um símbolo que representa toda uma Nação, é um modo de conectar os manifestantes a um símbolo em comum que representa a Nação. Segundo

Benedict Anderson (1991) o nacionalismo é produto cultural histórico específico, ou seja, ser brasileiro significa comungar um determinado conjunto de crenças que foram construídos socialmente ao longo de um processo. Além disso, Anderson (1991) também vai afirmar que nacionalismo é algo imaginado, ou seja, todas as pessoas sabem que pertencem a uma Nação mesmo não conhecendo todos os seus membros, pois faz parte do imaginário dos indivíduos que convivem em comunidade. Contudo, como observado nas manifestações em foco em dados contextos haveria projetos de nação em disputa; ou seja, as relações de pertença nacional não são necessariamente harmoniosas e consensuais.

Para Stuart Hall (1992) a nação “não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural”, ele afirma que a cultura nacional é um discurso que dá sentido à Nação. Hall (1992) ainda menciona que uma cultura nacional tende a unificar as classes sociais, gênero e raça para que representem a mesma Nação. Ou seja, a construção do nacionalismo é uma forma de tentar incluir o povo de um mesmo país pertencendo a uma mesma cultura, raça ou gênero, por isso desconsidera que existem culturas diferentes num mesmo país.

Se a construção de uma Nação é um processo que atribui uma identidade a um povo, Pierre Bourdieu (1989) nos lembra que o processo de classificação para definir identidades ocorre através da luta das representações e delimitações. Segundo ele:

“A procura por critérios de identidades regionais, não deve fazer esquecer que esses critérios são objetos de representações mentais, ou seja, de atos de percepção em que os agentes investem os seus pressupostos em coisas ou em atos e estratégias interessadas na manipulação simbólica” (Bourdieu, 1989, p. 122).

Para Bourdieu (1989) a definição das identidades regionais ocorre pela manipulação simbólica que indivíduos executam para definir as representações mentais de um determinado objeto ou ação perante as outras pessoas. Dessa forma, portar itens simbólicos como boné, bandeira, ou emblemas significa algo tanto para quem porta quanto para quem observa, essa significação é manipulada para que as pessoas portadoras desses itens possam transmitir as informações que desejam.

Tal manipulação é responsável por contribuir para criação de estereótipos na sociedade, pois os elementos simbólicos são expressivos de e constituem categorias sociais. Utilizar tais símbolos gera impressões sociais que vão reforçar certas ideias do senso comum.

Tal processo incentiva certos padrões sociais na sociedade ao mesmo tempo em que exclui outros. Desse modo, a escolha de utilizar símbolos brasileiros nas manifestações colaborou para transmitir a impressão de que as mobilizações representavam todo o povo brasileiro e transcendiam interesses particulares; o que, por outro lado, também significava dizer que quem não participava não era brasileiro ou não seria capaz de “vestir a camisa” do bem comum.

Nessa luta por construir a realidade do mundo, Bourdieu (1989) destaca que classificar significa estabelecer as divisões do mundo e definir identidades regionais, por isso ele utiliza o termo região, como modo de divisão do exterior e interior. É através da manipulação dos símbolos que as divisões na sociedade são formadas, nas fronteiras entre as divisões é possível verificar as diferenças que compõem cada identidade regional, para ele “a fronteira produz diferença cultural do mesmo modo que é produto desta” (Bourdieu, 1989, p. 124). Para o autor essas diferenças sociais são responsáveis por gerar identidades de grupos, pois é através delas que os grupos se formam e se definem. A luta ocorre pela legitimidade das identidades regionais, ou seja, pela existência e reconhecimento enquanto membro de um grupo, segundo ele “O mundo social é também representação e vontade e existir socialmente é ser percebido como distinto”.

A quantidade de pautas das manifestações de 2013 era enorme, os manifestantes reivindicavam melhoria na saúde e na educação públicas, na segurança e nos transportes públicos, etc. A multiplicidade de pautas fez com que o movimento ganhasse outra identidade, não apenas baseada no transporte público, mas também em outros discursos. A identidade do movimento não ficou bem estabelecida devido à multiplicidade de ideias e a camisa brasileira se tornou um símbolo justamente por conseguir englobar todos os manifestantes naquele momento.

As reivindicações das manifestações faziam parte do interesse de grande parte da população do país que depende dos serviços do Estado. Mas também existe uma parcela menor da população que não necessita desses serviços e para ela as mobilizações não eram tão atraentes. Mas a utilização da bandeira do Brasil durante os protestos procurou comunicar que a luta das manifestações era de todos.

Utilizar símbolos que remetem à Nação brasileira nas Manifestações pode ser considerada uma maneira de dar força ao movimento, ou seja, considera-lo homogêneo, como

se representasse uma luta do interesse de toda a Nação brasileira. Os manifestantes queriam mostrar que cabe aos brasileiros lutar pelas mudanças que almejam no país. A foto a seguir tirada do site G1 do dia 20 de junho de 2013 evidencia o pensamento de que caberia aos próprios brasileiros mudar o país e de que o poder de transformação do país está com o povo:



Na foto acima alguns manifestantes utilizam ou portam uma máscara que simboliza o ator principal do filme “V de vingança”, por qual motivo ela foi utilizada nas manifestações de 2013? A máscara também é utilizada pelo grupo de crackers denominado “Anonymous” e também usada em outros protestos ocorridos no mundo, segundo o site da Globo: “A máscara de Guy Fawkes, usada pelo anti-herói de “V de vingança”, se tornou onipresente nos protestos contra o sistema financeiro que tomaram várias cidades dos EUA e Europa e foram parar até mesmo no palco do Rock in Rio” (<<http://oglobo.globo.com/cultura/alan-moore-comenta-mascara-de-de-vinganca-em-protestos-3339498> >. Acessado em: 28 fevereiro 2017)

A história do filme é a seguinte:

“No final da década de 2020, o mundo está em crise e em guerra; os Estados Unidos não são mais uma superpotência como consequência de uma guerra civil, enquanto uma pandemia mortal do "vírus de Santa Maria" assola o continente europeu. O Reino Unido permanece como um dos poucos países estáveis sob o regime fascista^[2] e totalitário do partido Fogo Nórdico, comandado pelo Alto Chanceler Adam Sutler. Opositores políticos, homossexuais e outros "*indesejáveis*" são presos e enviados para campos de concentração. Evey Hammond, uma mulher que trabalha na rede estatal de televisão britânica, durante uma tentativa de estupro por membros da polícia secreta, conhecidos como "Os Homens-Dedo", é resgatada por um vigilante com uma máscara de Guy Fawkes e que é conhecido como "V". Ele a leva a um telhado para assistir a destruição do edifício Old Bailey, em Londres, que ele mesmo causou. O Fogo Nórdico rapidamente explica o incidente como uma "demolição de emergência" de um edifício estruturalmente instável, porém, logo V interrompe as transmissões da televisão estatal para assumir a responsabilidade pelo ato. Ele exorta o povo britânico a se levantar contra seu governo e encontrá-lo em um ano, no dia 5 de novembro, em frente às Casas do Parlamento, edifício que ele promete destruir nessa data” (<[https://pt.wikipedia.org/wiki/V_de_Vingan%C3%A7a_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/V_de_Vingan%C3%A7a_(filme))>. Acesso em: 23 fevereiro 2017).

O filme apresenta frases como: “o governo deve ter medo do povo e não o povo ter medo do governo”. O objetivo do ator principal é pôr fim ao governo autoritário, preconceituoso e fascista da época. Para atingir seu objetivo ele explode prédios do governo e consegue atingir a mídia televisiva para disseminar sua mensagem contra o governo.

A revolta que aparece no filme contra o totalitarismo do governo pode também ser associada com a revolta que ocorreu no Mundo Árabe contra os governantes e deu origem a várias outras manifestações pelo mundo. A máscara então significa o confronto do povo contra as autoridades, uma revolta contra qualquer tipo de imposição do governo que se manifesta através de protestos realizados nas ruas. Utilizar a máscara representaria a vontade do povo de influenciar nas questões do Estado, por não concordarem com toda e qualquer imposição do governo. Mas também uma identificação com as formas de ação utilizadas pelo personagem; no caso em tela: o ato de depredar prédios relacionados ao governo - realizado

durante as manifestações de 2013 pelos *black blocs*; as manifestações convocadas por meios não institucionalizados politicamente e com forte rejeição aos mediadores políticos.

As manifestações ocorridas a partir do segundo semestre de 2013 já não mais contam com a liderança dos militantes do MPL. As mudanças ocorridas, como apontado ao longo dessa monografia, levaram não apenas à saída do MPL das ruas, mas também a reflexões sobre suas estratégias de ação. Bem como foi evidenciado em uma entrevista realizada com uma integrante do Movimento Passe Livre.

Além da entrevista, participei de uma Assembleia do Movimento Passe Livre que ocorreu no teatro Dulcina de Moraes localizado no Conic, no dia 3 de setembro, a fim de compreender como o movimento se articula. Porém as análises feitas sobre a Assembleia não ficaram além das já apresentadas aqui pela autora Adriana Coelho, a qual afirma que apesar da horizontalidade e ausência de líderes, um integrante que tem facilidade e desenvoltura para falar em público sempre acaba falando mais que os outros.

A entrevista que realizei foi com uma integrante que está há 3 anos no MPL, ocorreu no dia 10 de fevereiro a fim de compreender como o MPL interpretou as manifestações de 2013. Durante a entrevista a integrante afirmou que o MPL interpretou tais mobilizações com muito receio quando posteriormente a direita tomou as ruas. Segundo ela, as manifestações ensinaram o MPL a terem mais cuidado nas ações direta, pois acreditavam que rua era utilizada apenas pela esquerda como forma de realizar reivindicações, porém a direita se aproveitou das ruas em 2013. Para ela, o MPL interpretou a intromissão da direita como um golpe.

A pauta da corrupção foi bastante difundida nas manifestações de 2013 em um segundo momento, dessa forma achei relevante saber se o MPL tinha alguma ligação com tal pauta, a integrante afirmou que jamais foram contra a corrupção e o PT, pois destruir a esquerda constitucional não é interessante para eles.

Em seguida procurei compreender a opinião dela em relação ao discurso de corrupção se tornar tão forte e difundido nas mobilizações, ela acredita que é uma fragilidade ética da população, de senso comum: “você rouba e você não rouba. O crime é justificado pela cor do ladrão, pela posição do ladrão”.

Também afirmou que quem mais sofre com a corrupção do governo é o serviço público, que estava entre as demandas das ruas, inicialmente. Ela pensa que a privatização é onde tem mais corrupção, pois o Estado fica à mercê de outras pessoas. Mencionou que a luta contra a corrupção em 2013 era mais contra um Estado estadista, uma vez que o estado não privatiza as coisas tem menos espaço para a elite. Para ela “Privatização transforma direito em mercadoria”.

Em relação aos gastos excessivos com a COPA – outra reivindicação realizada nos protestos – ela afirmou que esta trouxe a higienização das cidades do Brasil, era violenta e apenas os gringos tiveram acesso aos jogos. Mas acredita que as reivindicações de 2013 em relação à Copa foram feitas devido aos custos e altos gastos, o que para ela categorizou uma preocupação mais da direita.

No que diz respeito às acusações feitas à mídia, como manipuladora e mentirosa, ela afirmou que acredita que a mídia é um fluxo que caminha junto com as questões sociais, mas no Brasil a mídia é privada e não faz sentido que ela apoiasse à esquerda. Segundo ela, deveria haver uma mudança estrutural na sociedade para haver mudanças na mídia, como no caso de Chávez que estatizou a mídia.

Por último, procurei compreender uma das características do MPL - o anticapitalismo, ela explicou que o problema maior do sistema capitalista é a capitalização da vida, da saúde e do afeto, pois ele “vai normatizando as coisas de um jeito muito violento”. Ou seja, “o capital vai dando uma linha e modelo de vida como se fosse isso mesmo, a fim do lucro”.

Dessa forma, as manifestações convocadas pelo MPL e seus desdobramentos nas ruas repercutiram entre seus militantes e, sem dúvida, mereceriam uma investigação; mas essa já é outra pesquisa e fica a sugestão.

7 Conclusão

Pode-se concluir que as manifestações de 2013 foram compostas por diversas visões distintas entre si, as quais serviram de base de interpretação dos movimentos. Não existe uma versão mais verdadeira e completa de um acontecimento, apenas uma diversidade de opiniões que são formadas de acordo com determinado lugar de fala e que se somam, se complementam ou se contradizem, mas que no fim ajudam na compreensão total dos acontecimentos.

Conforme argumentado, a internet foi importante durante o processo das manifestações, pois acrescentou novas reflexões a respeito de sua utilização, no contexto das manifestações de 2013 ela foi vista como uma maneira de alcançar as verdades do mundo em oposição à mídia televisiva e jornalística vista como mentirosa. Porém a partir das análises do capítulo 3 pude perceber que o meio virtual também está permeado de posicionamentos e manipulações e que, de certa forma, acreditar que a internet é uma forma de alcançar as verdades do mundo, como se acreditava nas manifestações de 2013, é em si um instrumento de disputa sobre quem tem o poder para definir a verdade do mundo, ou seja, a mídia alternativa e as redes sociais ou a mídia empresarial e os políticos.

Portanto, tudo depende da forma que a internet será utilizada pelos usuários e da cultura de uso do meio virtual, pois por si só a internet não é um meio democrático que fomenta a participação política, mas pode ser mais um meio que – utilizado de forma responsável – acrescenta meios de se engajar em assuntos políticos.

O Movimento Passe Livre foi um importante ator envolvido nas manifestações de 2013 e deu base as categorias atribuídas às mobilizações aqui analisadas, principalmente a de “espontaneidade”. Porém foi compreendido que essa categoria é construída na sociedade, sendo assim como seria possível haver algo espontâneo e natural se nossas relações são constituídas por papéis sociais os quais nos direcionam?

A desconstrução e desnaturalização da categoria “espontâneo” foi relevante para entender que nem tudo que é atribuído a um acontecimento deve ser levado “ao pé da letra”, mas sim deve ser pensado, reinterpretado e, principalmente, duvidado. Em outras palavras, é preciso considerar os sentidos atribuídos à realidade e suas práticas a partir das relações de conflito e disputa que atravessam a rede de atores envolvidos.

Por fim, as análises dos símbolos utilizados nas manifestações me fez pensa-las como algo maior, pois a máscara do personagem “V de vingança” foi também utilizada em outras manifestações de outros países e a camisa do Brasil pretendia englobar todo o país nas mobilizações de rua. Dessa forma, as manifestações de 2013 podem ter sido influenciadas não apenas pelo Movimento Passe Livre, mas também por outras manifestações do mundo. Essa análise também serviu para compreender os símbolos não como uma escolha qualquer, desprovida de interesses, mas sim como forma de estratégia para conseguir aliados e adeptos e, por isso, comunicam algo à sociedade.

8 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. Lisboa, 1991.
- BECKER, Peter. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. 24 ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
- BOAS, Franz. Antropologia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRITES, Lorena Mendonça; NEUSTADT, Mônica Nunes. **Internet como ferramenta de Mobilização Social: Um Estudo de Caso do Nós do Meu Rio**. 14 f. Bacharel, Jornalismo, Universidade Veiga de Almeida, 2015.
- CANCLINI, Néstor. Leitores, expectadores e internautas. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na Era da internet. Rio de Janeiro: Ltda. 2013
- CASTRO, Maria Leonor. A Mobilização política do Movimento Passe Livre em junho de 2013. Tese (Dissertação) – Departamento de Ciência Política. Curitiba, 2015.
- COELHO, Adriana. **Movimentos em movimento: uma visão comparativa de dois movimentos sociais juvenis no Brasil e Estados Unidos**. Tese de Doutorado, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, 264 p.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Ltda.
- EISENBERG, José. Internet, democracia e República. Scielo, Rio de Janeiro, vol. 46, n. 3, 2003.
- GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro, I ed. LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face**. Ed. Vozes, 2011.

- GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOMES, Wilson. Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre – RS: MRIDIONAL LTDA. 2011.
- GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. Revistas FA MECOS. Porto Alegre, n. 10, agosto de 2005.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DD&A, 2006.
- KUSCHNIR, Karina. Antropologia e política. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, vol. 22, n. 64, 2007.
- LEVY, Pierre. Ciberultura. São Paulo: 34 Ltda, 1999.
- LIMA, Paíque Duque. A Ger'Ação Direta no DF: Reflexões sobre as lutas sociais em Brasília na primeira década século XXI. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço Ltda, 2015.
- MALINI, Fabio; AUTOUN, Henrique. @ **Internet** e # **Rua**. Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. 1921. p. 325 – 335.
- PALMEIRA, Moacir e GOLDMAN, Marcio. Antropologia, voto e representação política. Rev. bras. Ci. Soc. v. 13 n. 38 São Paulo Out. 1998.
- ORTELLADO, Pablo. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. I. ed. São Paulo: Veneta, 2013.
- ORTELLADO, Pablo. Os blacs blocks e a violência. 2014.
- PALMEIRA, Moacir. e HEREDIA, Beatriz. **Antropologia da política**. Política Ambígua. I ed. Sinergia – Relume Dumará, 2010.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Cultura e política no mundo contemporâneo. ed. EDU - UNB, 2000.
- RÊSES, Ervando da Silva. Universidade e Movimentos Sociais. I ed. Belo Horizonte: Fino Traço ed. Ltda. 2015.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. **A internet como meio ou como fim?** Potenciais democráticos de diferentes usos das ferramentas digitais. Belo Horizonte, p. 1 -15, setembro de 2009.

TEIXEIRA, Carla Costa. **A honra da política.** Decoro Parlamentar e Cassação de Mandato no Congresso Nacional. (1949 – 1994). Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de Publicações Ltda, 1998.

WIVES, Willian Washington. **Situações de conflito no uso da internet.** 82 f. Tese (Dissertação), Ciência Política, UnB, 2013

WOOD, Ellen Meinski. O que é (anti) capitalismo? New Socialist 37, 2002.